

Séno Mókere Káxe Koixómuneti

Sol: A Pajé surda



Ivan de Souza
Kelly Priscilla Lóddo Cezar
Julia Ponnick

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Ivan de Souza

**HQ SINALIZADA: SÉNO MÓKERE KÁXE
KOIXÓMUNETI**

CURITIBA
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Ivan de Souza

**HQ SINALIZADA: SÉNO MÓKERE KÁXE
KOIXÓMUNETI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras Libras, Setor de ciências humanas, Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Profa. Dra. Kelly P. L. Cezar

CURITIBA
2021

DEDICATÓRIA

Aos povos indígenas por manterem suas tradições vivas, apesar dos inúmeros ataques que sofreram e continuam sofrendo. E aos seus entes queridos e seus anciãos levados antes da hora pelo novo coronavírus e por todas as vidas perdidas, ao longo da história, pelas doenças trazidas pelos não indígenas.

À professora Shirley Vilhalva por ser uma referência surda e descendente de indígenas que por meio de suas pesquisas divulgou um tema tão importante e pouco abordado: as demais línguas de sinais em circulação pelo país.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador por permitir nos sintonizarmos com seres incríveis e sem as quais esse trabalho não teria sido possível.

A minha orientadora Kelly, por todo carinho, paciência, conselhos, horas dedicadas (incluindo finais de semana, férias e feriados). Por todo conhecimento que compartilhou e me provocou a procurar. Por me fazer abrir a mente e olhar o mundo com outros olhos.

Aos terena que lutaram e lutam bravamente para dar continuidade a sua rica cultura e aos surdos terena, historicamente apagados, mas que seguem sinalizando sua própria língua.

A todos os surdos que lutam para ter seus direitos linguísticos assegurados dia a dia.

Aos terena Kaliny Pontes Mamede, Vagner Samuel Gonçalvez e Maiza Antonio por todo feedback cultural durante o desenvolvimento da HQ e por compartilhar um pouco de sua sabedoria acerca de sua rica história, língua e cultura.

A todo grupo de colaboradores, Denise Silva, Shirley Vilhalva, Danilo Silva, Erich Teles e Jéssica Honório, em especial, a linguista e pesquisadora Priscilla Sumaio Soares pela pesquisa sobre a língua de sinais terena e pelo acompanhamento precioso e cuidado com a HQ.

A querida ilustradora Julia Ponnick, por seu aceite e dedicação, sem a qual esse trabalho não teria se tornado realidade.

A Stanley Teixeira que abrilhantou ainda mais esse trabalho, sempre disponível e pronto a ajudar.

Aos amigos da turma de Letras Libras 2017 e ao curso de Letras Libras pela sua existência na UFPR.

Aos professores surdos por serem grandes modelos linguísticos; de força, de luta e de grandes exemplos. Aos professores ouvinte, minoria linguística no curso, por estarem juntos nessa grande luta social, linguística, educacional e de real inclusão.

Ao PIBIS Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária – UFPR/Fundação Araucária 2018/2019/2020/2021 pela bolsa concedida para investigações teóricas.

A minha família, em especial, ao Roberto pela paciência e apoio em casa nos momentos de ausência.

Meus abraços sinalizados!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

MÃE ACADÊMICA

À professora doutora Kelly Priscilla Lóddo Cezar, ainda me lembro do dia em que no final de uma aula de linguística sobre o que são línguas fui procurá-la dizendo que queria pesquisar sobre línguas indígenas. Nesse primeiro momento ainda não sabia exatamente o caminho que seguiria. Ela me disse que não era uma área que dominava, mas que estaria disposta a buscar parcerias e me orientar com os conhecimentos que possuía. Aqui foi o primeiro ensinamento: **Humildade**, para aceitar aquilo que não se sabe e buscar aprender sempre.

Rapidamente ela me trouxe informações sobre pesquisas sobre os terena e eu ingênuo dei a ideia de pesquisar então sobre as línguas terena e guarani. Ela com toda experiência me disse que seria muita coisa e que seria melhor focar em apenas uma etnia. Eu contestei dizendo que daria tempo, claro que não durou muito, após iniciar as leituras entendi que seria impossível dar conta de duas culturas tão complexas e distintas. Esse foi o segundo ensinamento: **Sabedoria**, para saber quando se deve deixar o outro ter suas próprias experiências.

Seguindo a pesquisa sobre a história do povo terena vieram as parcerias conseguidas por ela com especialistas da área tanto da língua oral como da língua terena de sinais e claro da língua brasileira de sinais (Libras), design, acessibilidade, comunicação, entre vários outros. Terceiro ensinamento: **Coletividade**, juntos somos muito mais fortes.

Levarei esses ensinamentos para além da academia e para o resto de minha vida.

Ela me fez pensar fora da caixa, ver o mundo, acontecimentos históricos e o que me foi ensinado durante toda a vida com outros olhos. Olhos críticos que não aceitam verdades inventadas, olhos que buscam a verdade.

Gratidão por abrir meus olhos por meio do conhecimento, por me esclarecer não só em assuntos acadêmicos como para a vida e principalmente pelo aceite em 2017 para ser minha “Mãeriendadora”.

DA COMUNIDADE PARA UNIVERSIDADE



Kaliny: Da cultura para sociedade



Maiza: Da cultura para sociedade



Maiza: A importância da HQ para comunidade terena

SIGLAS

ASL - Língua de Sinais Americana

HQ - História em Quadrinhos

INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística

IPEDI - Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LTS - Língua Terena de Sinais

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

SDB – Sequência Didática Bilíngue

ONU - Organização das Nações Unidas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SINALÁRIO EM LIBRAS DO TCC

Sinalário em Libras:



Bilíngue
Covid19
Decolonial
Indígena
L1
L2
Língua Materna
Línguas de Minoria
Ka'apor
Monolíngue
HQ's Sinalizadas
ONU
Plurilíngue
Terena

HQ SINALIZADA:

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI

SOL: A PAJÉ SURDA

SUN: THE DEAF SHAMAN

Resumo em Libras:



Resumo em Língua terena:

Enepone emóu mokere turíxovone exeokóno apeyea, kuteati poínuhiko emoúti ya xapaku akadémiku (Libras) yoko emóu terenoeke. Ipoko isonéuti xapaku xanèhiko apeyea ra emoúti ,éno tá emoúti Yara méum. Itea pora emóu mokere Ako inixoati apeyea tá xapaku viyénoxapa ako iyúsea itea iyuseoti né ituke ihae pitivóko iháxoneti emóu purútuye ya mókereke (leinake 10436/2002; ndekeretu 5626/2005.) Enepone ituke hinókoku ihikauvoti iyúseone ya peskisake (SOUZA, 2018, 2019, 2020) garanto óvo iyuseyea xoko exetina mókereke ituke letras Libras da universidade federal do Paraná ya emóu mokere ya exetina seno mokere káxe koixomoneti" motovati exeokóno apeyea ra emoúti. enepone emóu. Terena koyúho koe enomone unatino apeyea ya yutoitike (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA LOPES, 2013). komomopovoti epistemologia ya (WALSH E MIGNOLO, 2018 E SOUZA SANTOS E MENESES, 2010), ya dokumentuke (leike 10436/2002; ndekeretu 5626/2005. ya exetina mókereke pía ihaxakoku: 1) ya ndokumentuke ya kuturake ituke mókereke (SOARES, 2018; SOUZA, 2018, 2019, 2020) e 2) exetina mókereke (CEZAR, 2019) kuxoti exetina ya terenake yane yutoxovotine tá sekuluke xv, ya exetina seno mokere káxe namukoti ixomone kalivonoxo enomone turíxovone exeokóno ra emoúti. Enepone exetina mókereke enomone turíxovone Ivan koyuhoyea né seno mokere káxe motovati exeokóno ya terenake Cezar (2019) enomone huvó'oxea itukea ra emoúti ituke mókereke (emóu mokere) enomone huvó'oxea exeokóno apeyea ra emoúti. Emou: mókereke ya exetinatike HQ terenake.

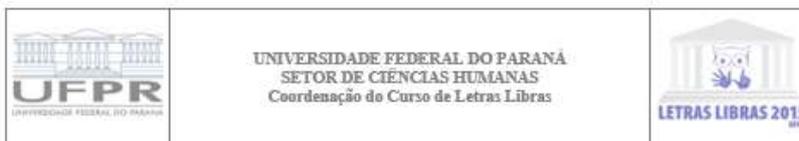
RESUMO: Os estudos sobre línguas de minorias vêm ganhando espaço no contexto acadêmico, em especial, à língua brasileira de sinais (Libras) e as línguas indígenas. Os resultados dessas investigações chamam a atenção da sociedade brasileira para os conflitos e para as dificuldades existentes em meio à diversidade linguística do país. No entanto, as línguas indígenas de sinais permanecem “invisíveis” quando comparada à língua brasileira de sinais urbana, a Libras (Lei 10436/2002; Decreto 5626/2005). Tendo a Libras como modelo de movimento histórico, linguístico e social somada a minha experiência profissional de aos resultados de minhas pesquisas anteriores (SOUZA, 2018, 2019, 2020). O presente trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Paraná tem por objetivo apresentar o processo de criação da história em quadrinhos sinalizada “*Séno Mókere Káxe Koixómuneti*”. O principal intuito da criação da HQ é promover reflexões acerca da elaboração de materiais bilíngues/plurilíngues para surdos brasileiros com o intuito de promover acessibilidade linguística, divulgar, registrar e valorizar as línguas de minorias como patrimônio histórico e cultural da humanidade, em especial, a língua indígena terena oral, a língua indígena terena de sinais em concomitância com a língua brasileira de sinais a luz da perspectiva dos estudos da Linguística Aplicada (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA LOPES, 2013) a partir da revisão das epistemologias modernas proposta pelo movimento decolonial (WALSH E MIGNOLO, 2018; SOUZA SANTOS E MENESES, 2010), versando sobre os principais documentos oficiais que envolvem essas línguas (Lei 10436/2002; Decreto 5626/2005) e dialogando com a literatura especializada dos quadrinhos. Para atender ao objetivo proposto, a dividimos em dois grandes momentos: 1) Criação do roteiro histórico-documental da época, enfatizando a cultura surda (SOARES, 2018; SOUZA, 2018, 2019, 2020) e 2) Criação da HQ sinalizada (CEZAR, 2019). A narrativa criada é um misto de ficção relacionando com fatos históricos de registros escritos e com registros orais, transmitidos ao longo das gerações na comunidade terena. A história acontece antes do século XV, quando a personagem principal Káxe, a pajé surda, é chamada para o ritual típico de solicitar benção aos ancestrais ao nascer uma criança. Neste momento, junto à benção, a pajé recebe a visão do futuro do povo terena por meio de imagens. Os dados da presente criação apresentaram um marco cultural e histórico na vida dos surdos, tendo como foco uma personagem surda como forma de identificação da identidade no gênero história em quadrinhos, sendo um recurso disponível de aprendizagem para a comunidade surda que está sinalizado em Libras e contendo a escrita terena. A escolha pelo modelo proposto por Cezar (2019) deve-se, principalmente, pela criação de sinalários e marcações linguísticas pertencentes à comunidade surda. A escolha pelo gênero história em quadrinhos deve-se ao fato de ir ao encontro da visualidade das línguas de sinais e ser um gênero de linguagem popular que tem grande potencial de aproximar as culturas. Dessa forma, a proposta de investigação teórica e criação da HQ visa contribuir com a elaboração de materiais próprios para a cultura surda e fortalecer as línguas de sinais como línguas podendo auxiliar na proposta de criação de materiais multilíngues e práticas pedagógicas para surdos (sua língua de sinais como língua materna e de instrução) bem como aprofundar os estudos linguísticos como prática social em contexto de superdiversidade e contribuir para o pensamento de práticas educacionais decoloniais.

Palavras-chave: HQ sinalizada, línguas de minoria, libras, terena, plurilinguismo.

ABSTRACT: Studies on minority languages have gained space in the academic context, especially regarding Brazilian Sign Language (Libras) and indigenous languages. The results of such investigations bring society's attention to existing conflicts and challenges in Brazil's linguistic reality. However, Brazilian indigenous sign languages remain "invisible" when compared with the urban Brazilian Sign language (Libras - see Federal Law n. 10436/2002; Federal Decree 5626/2005). Considering Brazilian Sign Language as a stage of historical, linguistic, and social movements; and grounded on my own professional experience and my previous research (SOUZA, 2018, 2019, 2020), the goal of this major paper on Sign Language Letters (Teaching) at Universidade Federal do Paraná is to present the creation process of the graphic novel in sign language "Séno Mókere Káxe Koixómuneti". The main objective of the novel is to foster reflection on the creation of bilingual/plurilingual resources for Brazilian Deaf people, promoting linguistic accessibility; to register, valorize and give visibility to minority languages, regarded as historic and cultural world heritage, especially spoken Terena language, Terena Sign Language, and (urban) Brazilian Sign Language. These goals are pursued under Applied Linguistics studies (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA LOPES, 2013) on the current epistemology proposed by the decolonial movement (WALSH and MIGNOLO, 2018, SOUZA SANTOS and MENESES, 2010), reflecting on the major official documents related to such languages (Federal Law n. 10436/2002; Federal Decree 5626/2005) and on the literature about graphic novels. This paper is divided into two parts: (1) development of the historical-documental script, emphasizing the Deaf culture (SOARES, 2018; SOUZA, 2018, 2019, 2020); and (2) creation of the graphic novel in Sign Language itself (CEZAR, 2019). The narrative blends fictional and historical events, the latter registered in the oral, generation-to-generation tradition of the Terena. The story is set before the 15th century and presents the main character, Káxe, a Deaf shaman woman, performing the typical ritual of asking the forefather for a special blessing to a newborn baby. On this occasion, the shaman receives the blessing and a sequence of images as a foresight of the future of the Terena people. The product of this work represents a cultural and historical landmark to the Deaf since a Deaf main character could provide a sense of identification and representation in the genre. It is also a resource made available for Deaf teaching, integrating Brazilian Sign Language signing and written Terena. I have chosen the model proposed by Cezar (2019) mainly to its focus on creating sign vocabulary lists and on linguistics markings of the Deaf community. The genre graphic novel was chosen due to its possibilities regarding the visuality of sign languages and to being a popular, widespread genre that potentially draws different cultures together. Thus, the present theoretical investigation and graphic novel creation aim at contributing with the elaboration of literature on the Deaf culture, endorsing sign languages as full languages. It can be adapted into a teaching resource or as a reference to develop multilingual resources for the Deaf (considering teaching through their mother tongue, sign language). Finally, it also aims to deepen linguistics studies as a social practice in contexts of super-diversity, contributing to decolonial educational practices

Key-words: Sign Language graphic novel, minority languages, Brazilian Sign Language, Terena, plurilingualism

DEFESA DO TCC BILÍNGUE



ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 27 dia(s) do mês de março de 2021, às 10 horas, em sessão pública e online via web conferência – plataforma ~~Stream~~-Youtube, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Kelly Priscilla ~~Lódo~~ Cezar e composta pelos examinadores: 1.Membro Danilo Silva (UFPR) 2.Membro Shirley Vilhalva (UFMS) e com as convidadas especiais Priscilla ~~Sumai~~ Soares (LINBRA-UNESP) e a Denise Silva (IPEDI-UFGD), o acadêmico Ivan de Souza apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: HQ SINALIZADA: SÊNO MÓKERE KÂXE KOIXÔMUNETI como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Curso de Licenciatura em Letras Libras, da Universidade Federal do Paraná-UFPR. Em reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu em APROVAR o referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes. E eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.



Prof.ª Dr.ª Kelly Priscilla Lódo Cezar
Docente do Magistério Superior
COLL558304
8340 294911

Kelly Priscilla Lódo Cezar
Presidente e Orientadora (UFPR)

Danilo Silva
Membro (UFPR)



Shirley Vilhalva
Membro (UFMS)



Ivan de Souza
Acadêmico (UFPR)

Rua General Carneiro, 460 – Centro, Curitiba – PR.
coord.letraslibras.ufpr@gmail.com

INDÍCE

1. PALAVRAS INICIAIS.....	15
2. LÍNGUAS DE MINORIA.....	19
2.1 Língua Brasileira de Sinais - Libras	26
2.2 A Língua de Sinais Ka'apor	30
2.3 SKA- Sinais Kaingang da Aldeia.....	31
2.4 A Língua Terena de Sinais.....	31
3. QUADRINHOS E LÍNGUAS DE SINAIS	37
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA HQ SINALIZADA: SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMONETI	42
4.1 Estudo bibliográfico e documental	43
4.2 Criação do roteiro bilíngue.....	45
5. CRIAÇÃO DAS PERSONAGENS	49
5.1 Personagens secundários.....	51
5.2 Personagem representando os “Branços”	53
5.3 Personagens históricos	54
5.4 Quebra da barreira linguística (GLOSSÁRIO/SINALÁRIO)	56
5.5 Quanto ao Glossário.....	57
5.6 Arte Ilustrada.....	64
6. ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE O CONTEÚDO.....	70
7. REFLEXÕES FINAIS	71
8. REFERÊNCIAS.....	74
9. ANEXO.....	78

1. PALAVRAS INICIAIS

Os estudos sobre línguas de minorias vêm ganhando espaço no contexto acadêmico, em especial, à língua brasileira de sinais (Libras) e as línguas indígenas. Os resultados de pesquisas (VILHALVA, 2012; PEREIRA, 2013; QUADROS; SILVA, 2019; GODOY, 2020) chamam a atenção da sociedade brasileira para os conflitos e para as dificuldades que existem em meio à diversidade linguística do país. No entanto, as línguas indígenas de sinais permanecem “invisíveis” quando comparadas à língua brasileira de sinais urbana, a Libras (Lei 10436/2002; Decreto 5626/2005). Essa invisibilidade linguística nos documentos oficiais reforçam a crença monolíngue de que o Brasil possui apenas uma língua de sinais, a Libras, reforçando o desprestígio social das demais línguas de sinais utilizadas pelos não urbanos ou em comunidades indígenas.

As línguas indígenas e as línguas de sinais são consideradas línguas de minorias, quando nos reportamos às línguas indígenas de sinais, as estudiosas (LEITE; QUADROS, 2014) considerando os fatores da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO, 2003), chamam atenção para o crescente risco de extinção. Nas palavras de Silva e Quadros (2019), quando estamos diante das línguas nativas, como é o caso da língua terena de sinais, foco do presente trabalho, quando não bem trabalhadas as línguas (Libras e línguas nativas), em especial, nas aldeias, o contato com a Libras leva a substituição da língua nativa local, em vez da consolidação de um bilinguismo unimodal (duas línguas de sinais). (SILVA; QUADROS, 2019, p.05, grifo nosso).

Inúmeras pesquisas demonstram, comprovam e exemplificam a necessidade se reconhecer e legitimar outras línguas no território brasileiro a fim de “desmistificar” a concepção de um país monolíngue, sendo que as culturas indígenas sempre foram reconhecidas por serem bilíngues e multilíngues.

Ao nos reportarmos aos dados nacionais sobre a diversidade linguística no Brasil observamos que a pluralidade linguística vem sendo cada vez mais “invisibilizada”, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010) revelam a existência de cerca de 274 línguas faladas por indígenas de aproximadamente 305 etnias, visto que cerca da metade das línguas possuem menos de cem falantes e línguas com até quinhentos falantes somam pouco mais de um terço de todas as línguas indígenas e

menos de dez por cento dessas línguas possuem mais de dois mil falantes. Esses dados nos mostram a persistência social da ideia majoritária de um país monolíngue e a falta de conhecimento e valorização, por meio do preconceito social existente, que leva a exclusão dessas línguas minoritárias e intensificando a extinção das línguas indígenas de sinais e a perda de sabedorias de herança.

Com o intuito de promover discussões sobre a importância da equidade linguística existente no país, em especial, da Libras e das línguas indígenas de sinais, como patrimônio histórico e cultural da humanidade e fortalecer o reconhecimento e a preservação das línguas de minoria, criamos uma história em quadrinhos sinalizada priorizando as pesquisas anteriores, os saberes dos anciãos, a cultura, a identidade e as línguas estudadas. Junto a isso, levamos em consideração os artefatos culturais da cultura surda (STROBEL, 2009) ao utilizarmos a Libras para registrar e documentar a existência de outras línguas sinalizadas, funcionando, dessa forma, como modelo para as demais línguas existentes no país.

A escolha pela criação de uma HQ sinalizada sobre a história do povo terena se deu a partir das disciplinas ministradas no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em que apresentavam a existência e comparação linguística entre a Libras e outras línguas de sinais existentes no Brasil e outros países. Quando percebi a surpresa de diferentes colegas surdos e não-surdos sobre a existência de outras línguas de sinais no Brasil. A partir dessa inquietação e curiosidade aprofundi meus estudos em nível de iniciação científica para então, neste trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentar o processo de criação da narrativa gráfica "*Séno Mókere Káxe Koixómuneti*"¹ que representa uma continuidade das pesquisas realizadas pelo presente pesquisador (SOUZA, 2018; 2019; 2020) que tiveram como tema a importância de se criar materiais didáticos priorizando a visualidade, em especial, narrativas gráficas para línguas visuais espaciais (línguas de sinais) levando em consideração o trabalho junto as comunidades relatadas. O enredo versa sobre a história do povo terena, de forma visual e acessível aos surdos e aos ouvintes pertencentes ou não a essa comunidade. Minha preocupação em realizar este material foi poder contribuir

¹ Tradução para o português: "Sol: a pajé surda". Cabe destacar que a escrita terena pode apresentar variação como: Séno Mókere Káxe Koixomoneti, Séno Mókere Koéxoneti, entre outras.

diretamente com a comunidade de modo que o conteúdo fosse atingido através de uma leitura envolvente e com uma representação mais próxima do que a comunidade desejava. Do ponto de vista acadêmico encontrei nas HQs sinalizadas (CEZAR, 2019), a forma mais interessante de realizar a devolutiva da pesquisa à comunidade e à sociedade que pouco conhece as línguas de minoria do Brasil.

A história mostra um pouco da rica cultura desse povo, as situações, consequências e resistência após o contato com o povo branco que até hoje são INVISÍVEIS na estrutura dominante e, em muitos casos, não conseguem ocupar espaços de estudo, trabalho e sociais vivendo em total INVISIBILIDADE a ponto de os trabalhos considerados subalternos para população dominante ser a única forma de inserção. Acreditamos que os conhecimentos indígenas possam coexistir na academia como legítimos e essenciais, contribuindo para a coexistências dos saberes e para os métodos de decolonizar (TUK; YANG, 2012). Por este motivo, espero que este trabalho possa despertar a SENSIBILIDADE para com os povos e que sua curiosidade possa se aprofundar sobre as demais línguas de sinais presentes em nosso país tendo os movimentos surdos, a Libras como exemplo de conquistas e lutas de minoria. No que tange a temática indígena, o ano de 2020, ano pandêmico, foi um ano marcante e massacrante para os indígenas (suas línguas, suas culturas e suas lutas), que tiveram de ser mais uma vez resistentes para não desaparecer!

Após três anos de investigação, de fazer e refazer junto à comunidade, de uma forma simples e inicial, mas fruto de grande trabalho, neste momento, apresento o processo de criação da HQ sinalizada com o principal intuito de fortalecer as línguas de sinais (Libras e indígenas) com um “produto” em que a cultura venha ser a protagonista, que os indígenas se sintam identificados na narrativa visual. Dessa forma, pretende-se distribuir a história em quadrinhos em diferentes espaços (física e online), a fim de documentar e divulgar as línguas de sinais visando fortalecer os direitos linguísticos e sua valorização cultural e possibilitar que os surdos indígenas tenham de fato o direito garantido de serem ensinados em sua língua materna, assim como garante a nossa constituição em seu *Art. 210. § 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem* (BRASIL, 1988, p. 124), e que ocupem os espaços que desejarem sem a dependência de outros.

A escolha do gênero história em quadrinhos deve-se ao fato de ir ao encontro da visualidade das línguas de sinais e ser um gênero de linguagem popular que tem grande potencial de aproximar as culturas. Assim, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e do pertencimento dos surdos das comunidades indígenas.

Antes de encerrar esta introdução, gostaria de registrar a dificuldade de finalizar este trabalho de conclusão de curso em um momento de pandemia mundial, não só foi um grande desafio encerrar a pesquisa na modalidade remota, em isolamento social, o que não possibilitou o lançamento da HQ para comunidade presencialmente como imaginei. Para além disso, é impossível ignorar e não relatar as grandes perdas nas comunidades indígenas do país como também estar vivendo/acompanhando à falta de acessibilidade linguística para os surdos brasileiros, ainda mais no que tange à área da saúde (falta de informações, desrespeito linguístico, entre outros).

No que tange aos povos indígenas, torna-se mais evidente à necessidade de intervenções imediatas, uma vez que estamos perdendo essa sabedoria (línguas, culturas e identidades) de maneira descontrolada em razão de uma crise mundial na área da saúde – Pandemia (COVID-19)² que vem sendo noticiado diariamente a dizimação dos povos indígena e quando o contexto envolve as línguas de sinais indígenas a vitalidade delas é mais frágil ainda a ponto de nem chegar ao conhecimento delas para os não-indígenas. Neste momento, os dados alarmantes estão em toda a Amazônia Brasileira são 127 povos atingidos pela doença. Sendo 682 casos suspeitos, 22.489 confirmações e 646 falecimentos registrados. O estado da região com mais casos e mortes entre indígenas é o Amazonas de acordo com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB/2020), dentre os 15 povos já foram atingidos pelos vírus (Aikanã, Arara Karo, Cinta Larga, Kanoê, Karitiana, Karipuna, Kassupa, Mura, Oro War, Paiter Suruí, Piripkura, Puruborá, Sakirabiat, Tupari e Wajuru). Dessa forma, as línguas indígenas brasileiras estão entre os mais sérios riscos de extinção e de perdermos suas identidades culturais via as sabedorias dos anciãos que são repassados de geração para geração – predominantemente de forma oral.

² É o nome oficial da doença causada pelo novo coronavírus também conhecida como Sars-Cov-2 em razão do Sars-Cov-1 (ou apenas Sars), nome dado a epidemia na China em 2002, por ser consideradas “irmãs”. Em inglês, Sars-Cov-2 significa: “*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*”, em tradução livre: Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2.

2. LÍNGUAS DE MINORIA

Historicamente a linguística vem discutindo a importância para não se considerar o Brasil monolíngue, em especial, nas línguas orais. Nosso país é visivelmente um território de muita diversidade cultural e linguística, sendo contraditória a concepção de monolingüismo validada e legitimada em grande parte pelos ambientes escolares. Quando nos deparamos com vários os contextos bi/multilíngues - os indígenas, imigrantes, comunidade surda urbana, indígenas surdos, entre outros observamos essa diversidade na prática.

As línguas de sinais são consideradas línguas de minorias, quando nos reportamos às línguas indígenas e as línguas indígenas de sinais este universo se torna mais distante do que pensamos. No que tange especificamente às línguas sinalizadas, os estudos estatísticos do IBGE (2010) revelam que não há dúvidas que as línguas indígenas são línguas de minorias, que o Brasil é um país plurilíngue e que as línguas de sinais pertencem ao grupo de risco. Conforme Aguilar-Amat e Santamaria (1999), quando não registradas e divulgadas, naturalmente essas línguas sofrem muitas perdas em ordem funcional, embora nem sempre estejam ligados ao volume demográfico das comunidades linguísticas, mas às condições históricas, socioeconômicas e psicossociais.

Para melhor compreensão e envolvimento na temática recorreremos ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL, 2017), que é o atual instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas “faladas” pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e desde 2017 implantou o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, que faz parte da Política da Diversidade Linguística. Esse documento é fundamental para a valorização e continuidade deste valioso bem cultural brasileiro e da diversidade linguística. Além de fomentar a produção de conhecimento sobre as línguas do Brasil e contribuir para a garantia de seus direitos linguísticos.

A preservação de uma língua, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio de seu Guia de Pesquisa para o INDL (2014), tem impacto imediato na perda de diversidade cultural, uma vez que cada língua possui os meios específicos, historicamente construídos de se conceber, conhecer e agir sobre o mundo, incluindo conhecimentos altamente técnicos.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com as iniciativas postuladas no Guia de Pesquisa para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (2014), o Brasil tem cada dia mais perdas de diversidade cultural, uma vez que cada língua que não é reconhecida vão desaparecendo, sem nem ao menos ter registros formais sobre as línguas de minorias, os conhecimentos historicamente construídos pelas culturas vão se perdendo e dando espaço cada vez mais para um conceito histórico e predador de uma língua hegemônica.

A hegemonização de uma língua requer a eliminação de qualquer outra, bem como, a criação de grupos de falantes e território falado. Quando falamos em termos de língua de sinais, o que une este grupo (os possíveis falantes) está expresso em termos de identidade que, transcendendo o étnico ou o georeferenciado, fixa-se em padrões de diferenças expressas no e pelo corpo (PEREIRA, 2013, p.39).

O linguista Bagno (1999) salienta em um de seus mitos sobre a o Brasil ser um país monolíngue que esse conceito é muito prejudicial e que a escola ao tentar normalizar essa visão, acaba por funcionar como um local padronizador.

Seguindo essa linha de pensamento, Gesser, Costa e Viviani (2009) assinalam que as línguas dos grupos minoritários são vistas como ameaça ou desestabilização à coesão nacional e, por isso, muitos são os esforços no sentido de erradicá-las, eliminá-las, já que se contrapõem aos ideais nacionalistas. Em conformidade com as especialistas, essa visão teria tido início em dois momentos marcantes da nossa história: 1) na administração do Marquês de Pombal, 1750 e 2) no período de ditadura de Getúlio Vargas, 1937-1945. Momentos históricos estes que se encontram na visão excludente das demais línguas ao seguir a premissa de uma língua una. Marquês de Pombal, também ficou amplamente conhecido como o grande batalhador pelo ensino em português na época do Brasil Colônia, uma vez que acreditava que a língua indígena tupi-guarani poderia ser ameaçadora aos colonizadores e uma forte barreira para a constituição de um só povo – língua e povo uno.

Na mesma linha de atuação política, Vargas pregava a proibição do uso das línguas trazidas pelos imigrantes (dos italianos e alemães, por exemplo) que saíram de seus países de origem para começar uma vida no Brasil. Historicamente, vê-se uma operação violenta, pois por imposições materiais em outras línguas que não o português, por exemplo, fora banido, além de coibir-se o uso, mesmo em interações familiares, das línguas 'estrangeiras'. Resquícios

da opressão e ditadura linguística ainda estão vivos na memória das vidas de muitos imigrantes no sul do Brasil (GESSER, COSTA E VIVIANI 2009, p.30).

Seguindo essa esteira de pensamento, a presente criação da HQ visa contribuir para divulgação da existência de outras línguas sinalizadas no país envolvendo ilustrações, vídeos e a história do povo terena a fim de conscientizar sobre a importância da transmissão dos saberes ocorrerem em sua língua materna e que no contato com a Libras, por ser uma comunidade próxima aos centros urbanos, não substitua a língua nativa local estimulando o monolinguismo, ao contrário, busca-se consolidar um bilinguismo unimodal (duas línguas de sinais) (SILVA E QUADROS, 2019).

Para a escolha da temática, tornou-se relevante estudar algumas línguas de sinais registradas no Brasil, além da língua usada pelas comunidades surdas do ambiente urbano, amplamente reconhecida como Libras. Para tanto, optou-se pelo delineamento metodológico bibliográfico³-documental⁴, uma vez que primeiramente realizamos levantamento teórico sobre as línguas investigadas, bem como os principais documentos oficiais.

Cabe destacar, que o ano de 2008 foi reconhecido como o ano Internacional das línguas pela a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) proclamado na Assembleia Geral das Nações Unidas. A organização estima que mais de 50% (cerca das 6.700) das línguas faladas no mundo correm o risco de desaparecer. Em termos mais simples de exemplificar, salienta que a conta pode ser realizada com tempo, ou seja, uma língua deixa de ser falada no Brasil a cada 15 dias. Outro dado interessante é que dos peritos considerarem que 96% das línguas são faladas por apenas 4% da população. Em 2000, o organismo da ONU (Organização das Nações Unidas) proclamou o dia 21 de fevereiro o Dia Internacional da Língua Materna,

³ O levantamento de teses e de dissertações realizado no Brasil através de buscas a bases de dados (SciELO/Capes) priorizou as seguintes palavras-chave: língua de sinais, língua de sinais indígenas, língua de minorias.

⁴ A pesquisa bibliográfica é aquela feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites sobre o tema a estudar. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p.31). A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p.32).

para sublinhar a importância da diversidade linguística e promover a utilização das línguas maternas.

Com relação aos dados dos surdos no Brasil, é importante ressaltar que é consideravelmente extenso. Oliveira (2012), ao utilizar a base nos dados do IBGE colhidos em 2010, apresenta que 45.606.048 de pessoas no Brasil têm algum tipo de deficiência, sendo 7,6%, sendo 1,12% da população brasileira surdas.

Podemos salientar que mesmo com inúmeras pesquisas na área e com os dados considerados alarmantes, ainda se tem muito a ser feito, visto que falta valorização social e linguística desses brasileiros. Ao observarmos as nomenclaturas e as categorizações do maior censo demográfico do Brasil, o IBGE não levou em conta a questão da língua dos sujeitos surdos, uma vez que as classificações são apresentadas nessa ordem: Capacidade do indivíduo de ouvir, grau de severidade e em seguida, caso o indivíduo reportasse ter alguma deficiência eram apresentadas as seguintes opções: (1) não consegue de modo algum, (2) consegue com grande dificuldade e, (3) consegue com alguma dificuldade (JUNIOR e VERONA, 2018).

Quando estamos diante das línguas de sinais, vamos observar que tiveram seu estatuto linguístico reconhecido mundialmente em 1960, conforme Quadros (2009), foi por intermédio, do pesquisador e linguista William Stokoe, que elaborou uma descrição da língua de sinais americana (ASL).

No Brasil, a língua brasileira de sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação dos sujeitos surdos via Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 em seu Art. 1º como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e que entende essa como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil e posteriormente houve a implementação da disciplina de Libras (Decreto 5626/2005) como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior e nos cursos de fonoaudiologia das instituições públicas e privadas, bem como na formação do professor e do instrutor de Libras e também na formação do tradutor e intérprete de Libras, entre outros temas de relevância na área. Cabe destacar, que a língua brasileira de sinais – Libras - obteve este reconhecimento a partir de anos de luta e de movimentos surdos no

contexto brasileiro, que nos serve de estímulo para que demais línguas sinalizadas, indígenas, venha utilizá-la como modelo de reconhecimento de valorização linguística, educacional e social.

Gesser; Costa e Viviani (2009) assinalam que diversos profissionais da área da educação, a diversidade linguística e cultural é percebida como um problema e a educação bilíngue e multicultural não está dentro do sistema educacional brasileiro e não é valorizado nos cursos de formação que acabam por não considerar as situações geográficas, socioeconômicas, faixa etária, entre outras variáveis. Como consequência o professor acaba repetindo essa ideia que é absorvida e reproduzida pelos alunos. Para Gesser (2006) até pouco tempo os surdos sempre eram vistos como deficientes e, por isso, não eram reconhecidos como bilíngues – língua de sinais como primeira língua e escrita oficial como segunda língua.

No entanto, salientamos e discutimos neste estudo a importância de divulgar e conhecer outras línguas de sinais no próprio território que não foram contempladas neste documento e em nenhum outro. A fim de não mantermos a hegemonia das línguas de sinais como tendo a Libras como única no Brasil, mesmo abordando a criação apenas de uma, a terena, acreditamos que essa metodologia pode ser utilizada e estimular outros alunos-pesquisadores. De acordo com Vilhalva (2012), especialista indígena e surda, há necessidade urgente de se considerar as demais línguas sinalizadas existentes em nosso país, em especial, as que são usadas pelos índios surdos existentes em diversas comunidades indígenas que carregam cultura e marcas linguísticas variadas e são raramente registradas.

Estudos vem sendo realizados, no entanto, ainda estão em fase de desenvolvimento, aproveitamos o ensejo para destacar os estudos de Silva e Quadros (2019) que destacam o mapeamento das línguas de comunidades isoladas no país, em especial, as que estão distantes dos centros urbanos que visa contribuir para o conhecimento e reconhecimento das línguas de sinais no Brasil. De acordo com as especialistas, “sabe-se que, além da língua brasileira de sinais [...], o Brasil possui pelo menos duas línguas que já puderam ser minimamente documentadas: a língua de sinais de Urubu-Kaapor (KAKUMASU, 1968) e a língua de sinais ‘Cena’ (PEREIRA, 2013)”. Os levantamentos bibliográficos e documentais realizados pelas autoras, “apontam para aproximadamente doze línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas e por

comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e em comunidades indígenas” (SILVA; QUADROS, 2019, p. 01).

De uma forma mais visual e organizada por grandes categorias, Silva e Quadros (2019, p. 06) apresenta a seguinte tabela elaborada por Silva (no prelo) intituladas línguas de sinais do Brasil.

Classificação da língua de sinais segundo Quadros e Leite (2014)	Classificação da comunidade surda segundo Quadros e Silva (2017)	Autor (ano)	Nome da língua de sinais	Localização
Língua de sinais nacional	Centros urbanos	Ferreira-Brito (1984)	Libras	Todo o território brasileiro
Língua de sinais original	Aldeias	Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu-Kaapor	Índios Urubu-Kaapor (Maranhão – Brasil)
		Azevedo (2015)	Língua de Sinais Sateré-Waré	Índios Sateré-Waré (Parintins, Manaus – Brasil)
		Giroletti (2008)	Língua de Sinais Kaingang	Índios Kaingang (Xanxerê, Santa Catarina – Brasil)
		Vilhalva (2012) Sumaio (2014)	Língua de Sinais Terena	Índios Terena (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Língua de Sinais Guarani-Kaiowá	Índios Guarani-Kaiowá (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Damasceno (2017)	Língua de Sinais Pataxó	Índios Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha, Bahia – Brasil)
Língua de sinais nativa	Comunidades isoladas	Pereira (2013)	Cena	Várzea Queimada (Jaicós, Piauí – Brasil)
		Cerqueira e Teixeira (2016)	Acenos	Cruzeiro do Sul (Acre – Brasil)
		Carliez, Formigosa e Cruz (2016)	Língua de Sinais da Fortalezinha	Pará – Brasil
		Martinod (2013) Formigosa (2015) Fusellier (2016)	Língua de Sinais de Ilha do Marajó	Ilha do Marajó (Ilha de Soure, Pará – Brasil)
		Carliez, Formigosa e Cruz (2016)	Língua de Sinais de Porto de Galinhas	Porto de Galinhas (Pernambuco – Brasil)
		Temóteo (2008)	Língua de sinais de Caiçara	Sítio Caiçara (Várzea Alegre, Ceará – Brasil)

Fonte: Silva ([no prelo] apud QUADROS 2019, p. 06)

Esses estudos estimulam a necessidade de mais pesquisas na área e de contribuição para divulgação dessas línguas de minoria. Para a presente criação da HQ, foco dessa investigação, elencamos quatro⁵ línguas de sinais sendo: 1) Libras, 2) Língua de Sinais Ka'apor, 3) Sinais Kaingang da Aldeia e 4) Língua Terena de Sinais em que os resultados desses estudos nos auxiliaram para compreensão de diferentes línguas e culturas dentro do território nacional. A seleção dessas línguas se deu primeiramente pela Libras, por ser nosso norte de curso de investigação e na sequência selecionamos as indígenas com mais publicações na área (em razão da necessidade de mais compreensão cultural e linguística) para então nos concentramos na língua terena de sinais, escolhida como tema desde o início das investigações pela aldeia estar mais próxima da zona urbana (contato com a Libras). A escolha por selecionarmos uma língua indígena para estudarmos, também se deve ao fato de os indígenas apresentam maior chance de possuir deficiência auditiva, leve ou grave, quando comparados aos demais grupos de cor/raça, a única exceção foi observada ao compará-los aos amarelos (JUNIOR; VERONA, 2018).

Para esta etapa da pesquisa, optamos pela pesquisa de cunho bibliográfica a partir do Banco de Teses e Dissertações da Capes e Scielo, obtivemos os seguintes resultados:

	Capes	Scielo
Libras	3.739	195
Língua Terena de Sinais	4	0
Língua de Sinais Kaapor	3	0
Sinais Kaingang da Aldeia	6	0
Língua de sinais	1.377	289
Língua de sinais indígenas	108	1
Línguas de minorias	237	8

Tabela 1: Resultados quantitativos do levantamento de teses e dissertações realizado entre (2018 e 2019)

⁵ Dentre os estudos realizados, a língua Cena também nos chamou atenção por ser uma língua nacional de sinais minoritária (PEREIRA, 2013) diferente da Libras sofrendo o mesmo processo de colonização, no entanto como se trata de um trabalho "recorte" de estudos direcionados às línguas de sinais indígenas não realizamos um estudo aprofundado sobre a língua Cena, mas não desejaríamos não mencioná-la neste momento para que outros estudiosos possam e continuem a investigá-la.

2.1 Língua Brasileira de Sinais - Libras

Sob o olhar dos documentos legais que versam sobre a língua de sinais brasileira, temos a Lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que traz o reconhecimento da Libras como forma de comunicação e expressão de comunidades surdas do Brasil. Observemos que do ponto de vista da interpretação o documento deixa evidente a unicidade da Libras como sendo a língua de sinais do país, sem expressar ou mencionar outras. A fim de demonstrar essa visão de língua de sinais acirrando o monolinguismo no Brasil, também observamos a importância, a luta, o movimento do reconhecimento desta língua com o intuito de se tornar uma forma possível de incorporar e reconhecer outras línguas de minoria do próprio país. Dessa forma, esta seção dispõe dos dados que encontramos sobre a história e regulamentação no Brasil quanto ao ensino de Surdos e o reconhecimento da Libras, podendo servir de exemplo para o reconhecimento das outras línguas de sinais do Brasil.

Conforme Giroletti (2008), a educação de surdos no Brasil tem início por meio da decisão de Dom Pedro II que incumbiu o Marquês de Abrantes de organizar uma comissão a fim de promover a fundação de um instituto para a educação de (na época chamados) surdos-mudos. Essa comissão se reuniu, no ano de 1856, e como primeira decisão criaram o Instituto. O governo imperial mandou admitir no Instituto dez estudantes e em 26 de setembro de 1857, foi aprovada a Lei de nº. 939 que designava a verba para auxílio orçamentário ao novo estabelecimento e pensão anual para cada um dos alunos. Historicamente, Dom Pedro II convidou um surdo francês chamado E. Huet para iniciar a educação dos surdos no Brasil. A visão educacional de Huet seguia a língua de sinais para o ensino de surdos. Os relatos e documentos demonstram que utilizava os sinais e a escrita como método.

Em conformidade com a literatura especializada, o primeiro instituto para surdos no Brasil foi fundado em 1857, por Edward Huet passando por diferentes nomes: Imperial Instituto de Surdos-Mudos; Instituto Nacional de Surdos-Mudos e Instituto Nacional de Educação de surdos. Independente do nome, de uma forma geral, a proposta de currículo apresentada desde seu início pelo surdo francês tinha como disciplinas o português, aritmética, história, geografia, linguagem articulada e leitura labial para os que tivessem aptidão. No entanto, a partir de 1862 com a saída de Huet o Instituto foi ocupado por dois diretores interinos: Frei João do Carmo e Ernesto Seixas. O governo indicou Dr. Manuel de Magalhães Couto para conhecer o Instituto de Surdos na França. Após uma

inspeção governamental, em 1868, o Instituto foi considerado um asilo de Surdos. Com isso, o cargo de diretor passou a ser ocupado por Tobias Leite e foi estabelecida obrigatoriamente a aprendizagem da linguagem articulada e da leitura dos lábios. Após essa situação, em 1889, o governo determinou que a leitura labial e a linguagem articulada deveriam ser ensinadas apenas para estudantes que apresentassem um bom aproveitamento, sem prejudicar a escrita. Mas, foi por volta de 1897, que por influência das decisões tomadas na Europa, em especial, as decisões apresentadas no Congresso de Milão (1880) que em 1911 o Instituto passou a seguir método do oralismo puro em suas salas de aula, ou seja, não aceitando mais o bilinguismo e as formas de comunicação sinalizadas como fonte de aprendizagem, mas restringindo a uma única que obrigava a fala (ALMEIDA, 2015; CARVALHO, 2010; STROBEL, 2009; GIROLETTI, 2008).

A parte histórica mais marcante para comunidade surda mundial foi a proibição das línguas de sinais, pelo congresso de Milão (1880), assim como toda língua mesmo sendo proibida, por movimentos e lutas sorrateiramente se manteve. No Brasil, os pontos marcantes, mesmo com a proibição foram: Na década de 20 um grupo de surdos funda a Associação Brasileira de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro que lutava, conforme Klein (2001), pelo direito de ser educado na sua língua natural, como também procurava vencer as dificuldades de integração. Porém, essa Associação foi desativada devido a várias dificuldades. Nos anos 70, profissionais ouvintes ligados à surdez fundam a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficiente Auditivos (FENEIDA). Mudanças mais significativas começam a ocorrer a partir de 1981 quando a ONU promove o ano Internacional dos Deficientes, a partir do qual movimentos e associações de surdos passam a ter força para conquistar seu espaço.

Em 1983, um grupo de surdos reivindica lugar dentro da FENEIDA, pedido negado nesse primeiro momento. Conforme Klein (2001), ao formar uma chapa, o grupo de surdos se torna vencedor nas eleições para diretoria da entidade. Ao assumir, seu primeiro passo foi a reestruturação do estatuto da entidade, que passou a ser denominada Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Em 2002, cria-se a lei 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como veículo legal de comunicação dos sujeitos surdos. Em dezembro de 2005, cria-se o Decreto nº 5.626 que, conforme Melegari e Cezar (2018), regulamenta e

estabelece a inclusão da Libras como disciplina curricular; para a formação de professores e instrutores de Libras; ao uso e difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, da formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, da garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, do papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos e no apoio ao uso e difusão da Libras.

No art. 2º da mesma lei diz que “deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil”. Cabe salientar que novamente não é levado em conta a diversidade linguística existente. Nas palavras de Pereira (2013, p.39),

as definições apresentadas pelas leis de libras no Brasil carregam, não apenas ampliação de “direitos” das populações surdas mas, também conceitos e práticas próprias de uma forma específica de encarar a língua de sinais e os surdos e, conseqüentemente, os ouvintes e as outras línguas de sinais não oficiais. Além de uma definição de libras como “a língua dos surdos do Brasil”, colocando-a enquanto hegemônica e homogênea na nação, as leis salientam conceitos do que seria um surdo, nativo primeiro “dessa língua”. As outras línguas de sinais, bem como as outras formas de “ser surdo”, estariam subordinadas a essas definições hegemônicas propostas pelas leis (e, conseqüentemente, pelas políticas públicas), relegando status diferenciados para essas outras formas de comunicação e vivência em sociedade.

Conforme nos lembra Delmondez e Paulino (2014), o atual paradigma denominado emancipatório, pautado na interculturalidade e no bilinguismo, só foi conquistado há vinte anos onde as línguas indígenas ouvintes conquistaram recentemente através da Constituição Federal 1988 em seu capítulo VIII (art. 210, parágrafo 2º) o direito de receber educação em suas próprias línguas nativas. No entanto, quando se trata das línguas sinalizadas, que também são nativas e naturais, isso se torna ainda mais difícil de ser cumprido havendo conforme o exposto acima, uma imposição de uso de uma língua de sinais padrão sem considerar as especificidades de cada língua.

De acordo com Vilhalva (2012), a Libras é a língua de sinais utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, mas além dela existem usuários de outras línguas sinalizadas em uso. Conforme o aponta o censo do

IBGE (2010) são 274 línguas faladas por indígenas de 305 etnias diferentes, portanto ainda há muito campo a ser analisado e questões a serem respondidas, entre elas podemos destacar: *Há a presença de surdos nessas 305 etnias? Caso haja, como se dá a comunicação? Qual a língua usada por esses sujeitos?* em outras palavras, há muito o que estudar nesta área, não há como e nem se pretende esgotar as temáticas abordadas neste trabalho.

Para a especialista Vilhalva (2012), a língua de sinais indígena é denominada conforme a língua oral indígena usada na comunidade, quando há a presença de um surdo, naturalmente o nome da língua de sinais é passado com o nome da língua da etnia. Há também as línguas de sinais que levam o nome do povo ou da língua indígena, como Brito (1993), Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), e em Giroletti (2008), Sinais Kaingang na Aldeia (SKA).

Em nossa visão, um novo olhar é dado quando se cria no ano de 2010, o INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística), gerido pelo IPHAN, e é o atual instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Em que implantou no ano de 2017 o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais que é parte da Política da Diversidade Linguística. Trabalho fundamental para a valorização e continuidade deste valioso bem cultural brasileiro e da diversidade linguística como um todo, além de fomentar a produção de conhecimento sobre as línguas faladas no Brasil e contribuir para a garantia de direitos linguísticos.

Em conformidade com os dados apresentados, observamos que o reconhecimento da Libras foi um mérito após muitas lutas e conquistas, porém ainda não teve sanadas todas as suas necessidades e demanda de muitos movimentos e direções para a real implementação de uma perspectiva bilíngue para os aprendizes surdos. A partir dessa visão, somada as leituras realizadas apresentaremos a seguir, algumas línguas de sinais que ainda não foram reconhecidas e nem mencionadas nos documentos oficiais do reconhecimento da Libras em território brasileiro e que nos auxiliaram para compreensão de culturas, identidades e línguas de minorias não reconhecidas, ou seja, a minoria da minoria linguística.

2.2 A Língua de Sinais Ka'apor

Quando vamos adentrando mais aos contextos de sinais, observamos mais ainda a escassez de pesquisas e materiais sobre essas línguas de minorias, quase que extintas. Conforme Vilhalva (2012) há registros de uma língua de sinais que é utilizada pelos índios Ka'apor, na Floresta Amazônica. Observemos o relato da especialista na área:

Na busca constante sobre registros que indicassem a existência dos Índios Surdos ou mesmo indicassem índios como pessoas com deficiência, encontrei um registro da existência de índio surdo no “Diários Índios – Os Urubus–Kaapor” de Ribeiro. Em seu Romance Maíra há uma referência a ‘Irmã Canuta Risonha, gorda, surda e muda. Trabalha na cozinha da Missão’, apresentada nesse trabalho como uma personagem, mas que também é referenciada - não como personagem, mas como pessoa real - numa passagem de Diários dos Índios. Darcy Ribeiro mostrou que em seus contatos e dentro de suas narrativas os índios surdos e demais deficientes estavam presentes nas aldeias. Entretanto, como geralmente os pesquisadores relatam sobre as pessoas com deficiência encontradas na comunidade indígena sem fazer menção sobre sua língua ou sua cultura, a questão da existência de índios surdos configura apenas como uma observação, não se fazendo anotações mais aprofundadas sobre eles (VILHALVA, 2012, p.44).

A partir dos estudos da pesquisadora, observemos há índios surdos nas aldeias, no entanto mais trabalhos relativos à essas investigações sobre a forma de comunicação, necessitam ser estudadas, descritas e divulgadas a fim de preservar as línguas nativas.

Além desses dados, é possível encontrar alguns registros em sites⁶ sobre essa comunidade com informações como: os Ka'apor são linguisticamente peculiares na Amazônia por terem uma linguagem padrão de sinais, usada para a comunicação com os surdos, que até a metade dos anos 80 compunham cerca de 2% da totalidade de sua população. A incidência de surdez deveu-se evidentemente à boubá neonatal e endêmica, que foi erradicada.”

Conforme Godoy (2020), a língua de sinais ka'apor foi noticiada pela primeira vez por Jim Kakumasu, missionário e linguista que viveu entre os Ka'apor, em um workshop do *Summer Institute of Linguistics*, em 1966. Anos depois, em 1982, a linguista Lucinda Ferreira passou pelos Ka'apor para estudar a língua de sinais. Em seus primeiros trabalhos, Ferreira apresentou uma comparação entre a língua de sinais dos Ka'apor e

⁶ Texto retirado do site: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaapor/652>

a dos “Centros urbanos”, em um congresso em 1983 (republicado em Ferreira 2010) e em dois outros artigos (FERREIRA s/d.a; 1984).

Outro registro importante e pouco divulgado são os resultados das investigações de Ribeiro (1996), as quais demonstram em suas expedições à Amazônia a existência de índios com deficiência e observou que, apesar de os índios não terem o costume de deixarem crianças nascidas com deficiência viverem, os surdos são encontrados nelas.

2.3 SKA- Sinais Kaingang da Aldeia

No que tange à língua de sinais Kaingang da Aldeia, a investigação que mais se aproximou dos objetivos deste trabalho foi a dissertação intitulada “Cultura surda e educação escolar Kaingang” apresentada Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Inclusivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (GIROLETTI, 2008).

A estudiosa descreveu, tendo como base sua experiência como educadora e intérprete de língua de sinais, a existência de índios surdos na Aldeia Sede no município de Ipuçu, oeste de Santa Catarina. Ela registrou e apresentou os sinais Kaingang usados pelos surdos em casa e na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre.

Na fase de observação dos dados, registrou e estudou o processo cultural de criação e uso de sinais no contexto da cultura Kaingang. Além de identificar os artefatos culturais que constituem a identidade dos surdos Kaingang. Os resultados de suas análises evidenciaram que os contextos em que os sinais realizados pelos informantes surdos eram de fato próprios da cultura Kaingang.

De uma forma breve, porém importante, passamos pelas línguas de sinais que serviram para auxiliar na compreensão de línguas de minorias, na próxima seção, enfatizaremos e concentraremos na língua terena de sinais, foco da presente investigação.

2.4 A Língua Terena de Sinais

Primeiramente no que tange a língua oral terena, torna-se importante destacar a historicidade a fim de compreender os fatores culturais e linguísticos dessa comunidade que escolhemos para contar na linguagem dos quadrinhos que envolve tanto a língua oral como a língua terena de sinais.

Em conformidade com os dados da área investigada, torna-se importante destacar, que o Brasil conta com 225 etnias indígenas que falam 170 línguas orais, porém registra apenas algumas línguas de sinais, como a língua de Sinais Ka'apor (KAKUMASU (1968/2005) e a Cena (PEREIRA, 2013).

No que tange à língua de Sinais Ka'apor, conforme a literatura especializada (KAKUMASU, 2005; SUMAIO, 2014), nesse grupo indígena, há algumas décadas, houve uma epidemia de boubá neonatal⁷ que resultou em surdez nos bebês. Estas crianças e seus familiares, portanto, criaram, sem influência externa, uma língua de sinais própria. Esta é utilizada por toda a comunidade, tanto por ouvintes quanto por surdos, sendo toda a sociedade bilíngue. Cabe destacar e retomar essa informação, a fim de compreender a diferença de concepção de língua e de uso em diferentes comunidades, uma vez que identificamos que essa concepção (bimodal) não ocorrem na língua terena de sinais (SUMAIO, 2018) e nem na Paiter Suruí (COSTA, 2017; ELLER, 2017). Nestas duas comunidades, as línguas de sinais são veiculadas e usadas apenas por uma parcela da comunidade, mais especificamente, na família e nos contatos mais próximos. Torna-se importante destacar e fortalecer as culturas que a comunicação dos surdos de suas aldeias são línguas e que necessitam ser preservadas. Acreditamos que essa visão ocorra em razão de essas duas comunidades estarem mais próximas da zona urbana e mais fácil também de entrarem em contato com a Libras, como ocorre, e acabarem “abandonando” sua língua de sinais, contribuindo para o monolingüismo não contribuindo nem para Libras e nem para a língua terena de sinais.

As línguas de sinais têm buscado, através de um longo período da história, alcançar o status linguístico que lhe é de direito e, apesar das conquistas mencionadas, ainda nos dias atuais a Libras é facilmente colocada sob a suspeita de não ser uma língua assim como a língua portuguesa. O monolingüismo, frequentemente, atribuído à língua de sinais como sendo uma só para todos os países é um dos exemplos do seu não reconhecimento enquanto língua de fato (SILVA; QUADROS, 2019, p. 22114, grifo nosso).

Quando nos reportamos as línguas indígenas de sinais, a visão monolíngue não só é a mais encontrada como fadada a acontecer. Seguindo essa linha de pensamento,

⁷ Infecção causada pela bactéria *Treponema pertenue*, uma subespécie da bactéria que causa sífilis. Esta doença é mais comum em países tropicais como o Brasil, por exemplo, e atinge especialmente as crianças com menos de 15 anos, principalmente nas idades entre 6 e 10 anos.

mesmo para a comunidade indígena ouvinte, a conquista por direito a receber educação em suas próprias línguas nativas - conforme capítulo VIII, da Constituição Federal, somadas aos estudos de Delmondez e Paulino (2014), o atual paradigma denominado emancipatório, pautado na interculturalidade e no bilinguismo - só foi conquistado há vinte anos, a partir das conquistas do movimento político dos povos indígenas (MAHER, 2006). Isso se torna ainda mais difícil de ser cumprido quando se trata das línguas de sinais indígenas que são também naturais, porém não tem sua existência valorizada e reconhecida.

Em conformidade com Sumaio (2014), a língua terena oral pertence à família Aruak e é falada em várias comunidades indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. De acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a etnia terena é a quinta com maior em número de indígenas, por localização do domicílio, contando com 28.845 pessoas, divididas em dezessete terras: Água Limpa (MS), Aldeinha (MS), Araribá (SP), Buriti (MS), Buritizinho (MS), Cachoeirinha (MS), Dourados (MS), Ikatu (SP), Kadiwéu (MS), Lalima (MS), Limão Verde (MS), Nioaque (MS), Nossa Senhora de Fátima (MS), Pilade Rebuá (MS), Taunay/Ipegue (MS), Terena Gleba Iriri (MT) e Umutina (MT).

A partir da pesquisa da linguística Sumaio (2014), constata-se que há Terena surdos na Comunidade Indígena de Cachoeirinha, de 9.507 habitantes e também em aldeias vizinhas, próximas ao município de Miranda-MS. O dado mais importante é de que grande parte desses sujeitos não conhece a língua brasileira de sinais, mas fazem uso de sinais próprios para se comunicarem - o que caracteriza uma língua nativa. Alguns desses sujeitos nunca frequentaram a escola ou tiveram contato com surdos sinalizantes de Libras o que demonstra se tratar de uma criação de sinais nativos. Além desses dados linguísticos, Sumaio (2014, p. 05) observou que: "alguns jovens estudam na cidade e estão avançando no uso e conhecimento da Libras, porém estes mesmos jovens utilizam outros sinais na aldeia, com seus familiares ouvintes, amigos e outros surdos, que não sabem Libras".

Alguns trabalhos merecem destaque e que nos serviu de dados para criação e elaboração da história em quadrinhos criada, sendo: *Variação linguística na escola: resultados de um projeto* (BARONAS, 2014); *Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil* (CUNHA, 2008); *Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas*

(FARGETTI, 2012) e destacamos a pesquisa que mais se aproximou do objetivo do presente trabalho: *Língua terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha* (SOARES, 2018), constatou-se terena surdos na Comunidade Indígena de Cachoeirinha, de 9.507 habitantes e também em aldeias vizinhas, próximas ao município de Miranda-MS. E grande parte desses sujeitos não conhece a língua brasileira de sinais, mas utiliza sinais próprios o que caracteriza uma língua nativa de sinais.

Com base nessas informações e no conhecimento da necessidade de divulgar e estudar sobre outras línguas de sinais brasileira, organizamos o roteiro e organizamos um sinalário provisório em Libras sobre os principais que versam no roteiro sobre a língua terena e a identificação de uma língua nesta aldeia, a fim de assegurar e transmitir, em especial, para o Povo Surdo e não-surdo a existência, história e cultura de outras línguas sinalizadas, uma vez que a Libras é a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, principalmente dos centros urbanos.

Por outro lado, em conformidade com a leitura especializada (VILHALVA, 2012; VILHALVA, 2018; ARAÚJO, 2018), uma realidade diferente é identificada nos surdos terena que estão em contato mais próximo e constante ao ambiente urbano das aldeias, como ocorre nos municípios de Aquidauana (MS), Anastácio (MS), Campo Grande (MS) e região da grande Dourados (MS) que ao realizarem pesquisas de campo perceberam que uma influência direta da Libras leva ao ponto de, em muitos casos, ocorrer o apagamento de sua língua nativa.

Em 2009, os resultados das pesquisas de Vilhalva (2012) já apontavam que dentro da escola das aldeias terena os alunos estão adquirindo a Libras com os intérpretes e começando a participar da comunidade surda de Dourados. Na escola indígena foi observado a presença da Libras onde os alunos passam a conhecer os sinais através dos intérpretes que vindos das cidades próximas e por estarem em um espaço institucionalizado acabam por deixar de lado os sinais utilizados no ambiente familiar. Mas, por outro lado, a escola Araporã, a qual têm preferência por intérprete Indígena para a preservação da cultura, língua e saber. A pesquisadora observou que os indígenas surdos de vinte anos em diante mostraram segurança ao sinalizar seus sinais emergentes, mas com os intérpretes fazia o uso de sinais da Libras. E os alunos

mais novos de escolas indígenas diferentes, mas da mesma comunidade indígena, não fizeram o uso de sinais emergentes, ou seja, realizaram diretamente em Libras.

Em continuidade com essa temática, aprofunda seus estudos e nos contempla com mais dados históricos, culturais e linguísticos sobre os surdos terena salientando que a escola indígena é um espaço em que se encontram diferentes línguas orais, visuais e escritas. Está presente a Libras como L1 (primeira língua) e a Língua Portuguesa escrita como L2 (como segunda língua), podendo transformar-se em ensino trilingue: Libras/ Língua Portuguesa/Língua Indígena, sendo mais ideal para a conjuntura apresentada. Quando apresenta as terras indígenas de Dourados, demonstra que há atuação de intérpretes de Libras dentro das escolas indígenas, enquanto que os índios surdos da região de Miranda não têm esse mesmo atendimento. Eles são obrigados a sair da sua aldeia e ir para escolas que têm o profissional bilíngue e o tradutor/intérprete de Libras. Ou seja, o aluno precisa percorrer uma grande distância para receber educação escolar com acessibilidade na comunicação. Dessa forma, dificultando o acesso linguístico e espacial das comunidades terena.

Em um outro estudo, Araújo (2018), seguindo a mesma esteira de pensamento de Vilhalva (2018), foi constatado indígenas surdos matriculados nas escolas pertencentes aos municípios de Aquidauana, Anastácio e Campo Grande que contam com a mediação de tradutores /intérpretes de Libras não indígenas. Neste aspecto, outra problemática se instaura em razão de quando se trata dos indígenas surdos, o trabalho dos tradutores/intérpretes de Libras se torna mais complexo uma vez que se agregam duas ou três línguas distintas, para as quais esse profissional, em sua maioria, não possui habilitação suficiente para responder às necessidades dos aprendizes.

No que tange a legislação vigente, a especialista Vilhalva (2018) assinala que não há uma proposta de política linguística que contemple de forma satisfatória as comunidades linguísticas. E há ainda o mito de o Brasil ser um país monolíngue, estabelecendo um padrão advindo de uma visão preconceituosa, que perpetua o ciclo vicioso da injustiça social, na medida em que só a alguns é dada legitimidade de reconhecimento linguístico.

A partir desses dados e da minha vivência com a comunidade surda, em especial, promovendo a acessibilidade linguística, visei criar uma HQ sinalizada, em Libras, vídeos, imagens e escrita (português e terena) contando a história desse povo que

envolve e tem uma língua de sinais própria e viva. A escolha por utilizar a linguagem dos quadrinhos envolvendo a hibrididade desse gênero, a saber, incorporação de vídeos torna-se uma possibilidade de que esses conhecimentos, mesmo que ainda iniciais e carecendo de muitas pesquisas ainda, venha a atingir a sociedade fazendo refletir sobre a falta de acessibilidade, formação de professores, o papel dos intérpretes e professores nas comunidades indígenas, entre outros.

Após a escolha da língua indígena de sinais escolhida, a língua terena de sinais, para confluência da Libras, a seção seguinte destina-se a relacionar a linguagem dos quadrinhos com as línguas de sinais exponho o caminho percorrido até chegarmos a HQ criada por mim em conjunto com a comunidade e com os pesquisadores da língua brasileira de sinais, da língua terena oral e da língua terena de sinais, encerro essa seção utilizando as palavras das especialistas (SILVA & QUADROS, 2019, p. 22117, grifo nosso) sobre importância desses conhecimentos chegarem para comunidade surda e para sociedade,

[...] urge a necessidade de se ter um novo olhar sobre essas línguas de sinais emergente [...], posto que [...] é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas para toda a população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas peculiaridades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas [...] esta documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade.

3. QUADRINHOS E LÍNGUAS DE SINAIS

A presente pesquisa é fruto de uma pesquisa longitudinal que teve seu início em meados de 2017, e permanece até o presente momento com a vontade imensa de continuar, em nível de iniciação científica, com apoio da parceria entre a Universidade Federal do Paraná e a Fundação Araucária (PIBIS/FA) e neste momento finalizando com a publicação física da narrativa gráfica.

Em 2017, quando iniciei meus estudos na área, de forma bastante ingênua pensava em trabalhar com duas línguas indígenas de sinais, a terena e a guarani. Quando procurei a professora Kelly para ser orientadora já tinha em mente a criação de uma HQ, pois não tinha como não acompanhar o excelente resultado, ainda não publicado, que a HQ “O congresso de Milão” fazia entre os alunos surdos e ouvintes no curso de licenciatura em letras Libras da Universidade Federal do Paraná. As línguas indígenas sempre me chamaram atenção, pois tenho ascendência indígena, após as aulas de linguística e o contato com estudos sobre as línguas de sinais isoladas e indígenas não tive dúvidas quanto a entrar nesta área do conhecimento. No entanto, com o aprofundamento dos estudos, a temática precisou ser delineada, já que havia a necessidade de confluir diferentes teorias como: os quadrinhos, os estudos culturais, os estudos linguísticos e a cultura a ser estudada articulada com a Libras. Além da variável tempo, a escassez de materiais nesta área ao mesmo tempo que me estimulava me trazia inúmeros medos de não “dar conta”.

Os resultados da minha primeira pesquisa “Narrativas visuais como instrumento de ensino para surdos sobre a história e a cultura das línguas indígenas de sinais terena e guarani” (2018-2019), de natureza bibliográfica, evidenciou a escassez de materiais bilíngues e pesquisas nesta área. Foi então que compreendi a necessidade de delimitar mais o tema e concentrei nos estudos sobre a cultura e a língua de sinais terena aprofundando nos estudos bibliográficos e documental realizados através de buscas a bases de dados (SciELO/Capes) priorizando e combinamos as seguintes palavras-chave: terena, língua terena, língua de sinais, histórias em quadrinho, Libras, surdos.

Além das bases nacionais, dada a especificidade do gênero história em quadrinhos nas pesquisas, somadas as especificidades da área da surdez e línguas indígenas de sinais, optamos por realizar esse levantamento nos anais dos eventos científicos específicos da área dos quadrinhos: Jornadas Internacionais dos Quadrinhos

e SEPESQ. Esse levantamento foi realizado no período durante os meses de maio-dez de 2019 estabelecendo o ano inicial de 2005 o final de 2019. O ano inicial, deve-se aos resultados de pesquisa de Ramos (2016), em que durante os anos de 1995-2005 registrou dez trabalhos sobre histórias em quadrinhos na Revista de Estudos linguísticos do Gel, em conformidade com a leitura dos dados apresentados pelo linguista não identificamos nenhum desses trabalhos envolvendo a temática língua de sinais relacionadas com línguas indígenas de sinais ou mesmo Libras. No total, encontramos quinze pesquisas, que foram lidas para identificar o objetivo proposto. No entanto, nenhuma se aproximou da temática abordada.

Dessa forma, objetivei apresentar uma proposta de orientação de roteiro para elaboração de uma história em quadrinhos/narrativas visuais bilíngue para surdos, a fim de se transformar em instrumento de ensino sobre culturas minoritárias, em especial, as línguas indígenas de sinais. A investigação se justificou por se tratar de línguas minoritárias que requer conhecimento da estrutura linguística e da cultura surda com o intuito de respeitar e de interagir com os artefatos culturais. Junto a isso, mesmo pertencendo a comunidade surda, no momento de criação do roteiro - a narrativa visual sinalizada sobre a cultura indígena terena - senti muitas dificuldades na transmissão/transposição dos saberes culturais, religiosos e linguísticos.

A partir dessas dificuldades e com o intuito de incentivar e auxiliar novas pesquisa na área, em especial, de criação de história em quadrinhos sinalizada, optamos por um estudo de caso em que selecionamos a HQ “O congresso de Milão” (CEZAR, ALMEIDA, 2018) para entrevistar o ilustrador e roteirista para descrever e organizar uma proposta metodológica para criação de uma história em quadrinhos da língua de sinais terena podendo ser aplicada para outras línguas indígenas. Optamos por concentrar na língua terena (VILHALVA, 2012; SILVA, 2013; SUMAIO, 2014, SOARES, 2018).

Os resultados revelaram que a) extrema necessidade de o desenhista pertencer a cultura surda; b) o roteiro deve ser acessível nas línguas em que se propõe divulgar o trabalho; c) deve ter riqueza de detalhes quando a ilustração será feita por outro profissional d) quando se pensa na comunidade surda como público, deve conter riqueza de expressões não verbais. A partir desses resultados, conclui-se a importância de se pesquisar e interagir com os aspectos culturais, linguísticos e históricos das línguas sinalizadas para criar materiais mais visuais que vão ao encontro da estrutura linguística

visual – narrativas visuais – a fim de promover equidade de transmissão dos saberes mais efetivos sem impor a língua escrita majoritária.

A partir dessas dificuldades obtivemos a publicação de um artigo “Proposta de Criação de Roteiro de HQ Sinalizada para Cultura Surda⁸” com uma proposta metodológica para criação de uma história em quadrinhos da língua de sinais terena podendo ser aplicada para outras línguas indígenas.

Após a conclusão desta pesquisa, iniciamos as investigações sobre a importância do acompanhamento das ilustrações (SOUZA, 2019-2020). Para tanto, aprofundamos os estudos bibliográficos e netnográficos sobre a cultura, em destaque a obra “A história do povo Terena” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000).

Contamos com o trabalho voluntário da ilustradora surda sinalizante em Libras Lidiane Coelho para auxiliar no storybord e definirmos a forma como os traços das personagens seriam criadas. O roteiro inicial foi transmitido em Libras, o que chamamos de roteiro sinalizado (BALÉA; CEZAR, 2020). Após essa etapa, iniciei o contato direto com as linguistas e pesquisadoras Denise Silva e Priscilla Sumaio, que imediatamente aceitaram o convite em participar da pesquisa, auxiliaram na transposição imagética das ilustrações, já que neste momento, eu focalizava o trabalho no estudo da cultura terena (danças, artesanatos, significado das cores, espiritualidade, entre outros). Após esse levantamento e organização entramos em contato com pessoas da comunidade e chegamos, nesse primeiro momento a dois terena: Vagner e Kelyny sendo ele da Aldeia Água Branca, Aquidauana/MS e ela da Aldeia Jaguapiru, Dourados/MS informaram não haver surdos em suas aldeias, mas contribuíram para a compreensão e com dados sobre o que os anciãos relatavam sobre a história do povo terena, lutas, aspectos culturais, identidade, arte, entre outros.

Na última pesquisa de Iniciação científica, organizei o primeiro esboço “boneco” da HQ, juntamente com a ilustradora Julia Ponnick, e encaminhei para os participantes/voluntários da pesquisa e com o apoio do IPEDI, a HQ chegou até as aldeias Jaguapiru, Dourados/MS, Água Branca, Aquidauana/MS e na terra indígena de Cachoerinha, aldeia Cachoerinha. Os resultados/retorno da comunidade foram surpreendentes e com o auxílio direto da comunidade, reorganizamos, ajustamos e

⁸ Link do artigo publicado: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/71670>

reformulamos a HQ. Contamos com o apoio da especialista da área de Libras e pesquisadora de línguas indígenas a mais de vinte anos Shirley Vilhalva e do especialista em Libras pesquisador sobre a história dos surdos e doutorando em Educação Prof. Danilo Silva que nos auxiliaram na parte técnica da Libras. A partir da integração da equipe que acabou se constituindo: pesquisadores, antropólogos, linguistas, pedagogos e a comunidade Libras e terena demos início aos ajustes da criação das ilustrações, registros dos sinais em Libras, tradução para língua terena escrita, entre as demais partes que compõem a estrutura das HQ's sinalizadas, enquanto material didático bilíngue para surdos.

Assim, optamos por trabalhar com criações de história em quadrinhos, por ser um gênero híbrido visual e de fácil identificação com a cultura surda, já que segue os artefatos culturais do Povo Surdo. Já a escolha pela criação de histórias em quadrinhos sinalizadas se deve pela comunidade surda fazer uso predominante da comunicação viso-gestual que vão ao encontro da estratégia de utilizar narrativas visuais – linguagem dos quadrinhos - para tratar da história do povo terena, tendo como uma das bases o trabalho de Bittencourt e Ladeira (2000), que se faz uma forma de preservar o passado desse povo através desse gênero, bem como torná-la acessível aos surdos dessa comunidade e a quem possa interessar estimulando mais pesquisas e conhecimento nestas áreas ainda pouco estudadas.

Por abordar as questões referentes à criação das HQ's sinalizadas a estrutura do romance gráfico seguiu os passos dessa criação/metodologia (CEZAR, 2018; 2019), sendo: a) Estudos bibliográficos sobre história e linguagem dos quadrinhos (nacional e internacional); b) Estudos bibliográficos sobre quadrinhos silenciosos; c) Estudos bibliográficos-documentais sobre quadrinhos e ensino; d) Criação de roteiros sinalizados; d) Criação física da HQ (desenhos e imagens) a partir dos artefatos da cultura surda terena; e) análise da HQ pela equipe multidisciplinar institucional indígena e não-indígena; f) Criação de sinalário e glossário plurilíngue.

Torna-se importante destacar que quando estamos diante de uma língua sinalizada, estamos diante de uma língua que tem estrutura, funcionamento, cultura, historicidade e usuários em processo de interação. As línguas de sinais são amplamente reconhecidas pelos seus aspectos espaço-visual, como por exemplo a língua brasileira de sinais (FERREIRA-BRITTO, 1995; QUADROS, 2004). Ao nos reportarmos para o

processo ensino aprendizagem de línguas, mais especificamente na área da linguística aplicada ao ensino de línguas, observamos que os aspectos multi/trans e interdisciplinares são a maior fonte de compreensão e de transmissão dos saberes por considerar o aprendiz de forma integral – um sujeito social e não somente um usuário da língua em contextos específicos. Seguindo essa linha de pensamento, optamos por selecionar narrativas visuais (CARVALHO, 2009; NEVES, 2012) por se tratar de um gênero que apresenta recursos textuais e discursivos que permitem explorar diferentes estratégias para promover a interação por intermédio de diferentes linguagens, destacamos em especial, as expressões fisionômicas dos personagens a fim de criar e pensar na importância das expressões faciais para as línguas sinalizadas.

Criar HQ's sinalizadas pode tanto se transformar em um meio de leitura prazerosa, como em um material didático se efetivando em uma excelente transposição didática para a aquisição do conhecimento de forma visual, cultural e linguística específica para a cultura surda. De acordo com a literatura especializada (MENDONÇA, 2007; CARVALHO, 2009), evidenciamos que as histórias em quadrinhos tornam o ensino mais atraente e prazeroso, uma vez que motivam os estudantes a se interessarem mais pelos conteúdos escolares. No caso da cultura surda, o processo de identificação com a cultura, com a história e com os aspectos linguísticos da língua de sinais estimulam a curiosidade e incitam o senso crítico levando mais vocabulário específico e sinalizado interpellando com o caráter dinâmico e animado do gênero selecionado.

Após o levantamento bibliográfico e os diálogos com a equipe multidisciplinar que compõe o Projeto institucional HQ's sinalizadas, criamos a narrativa a partir de um roteiro sinalizado/escrito e definimos a escolha do ilustrador com envolvimento na cultura surda e iniciamos o contato com a equipe que compôs e auxiliou essa HQ, trabalho interdisciplinar.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA HQ SINALIZADA: SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMONETI

A narrativa criada é um misto de ficção com fatos históricos de registros escritos e com registros orais, transmitidos ao longo das gerações na comunidade terena. A história acontece antes do século XV, quando a personagem principal Káxe, a pajé surda, é chamada para auxiliar em um parto (ritual típico) e após este pede a benção aos ancestrais. Neste momento, junto à benção, a pajé recebe a visão do futuro do povo terena por meio de imagens. Dessa forma, o desenvolvimento da narrativa perpassa os principais momentos históricos que vai desde o início do povo terena (Aruak) datado de antes do século XV, percorrendo o caminho geográfico que os terena realizaram até se fixarem, em sua maior parte, na região do Mato Grosso do Sul.

Além do registro histórico, encontramos a cultura terena bem marcada através das pinturas corporais, da dança, do artesanato, das plantações e da espiritualidade que são exploradas nas imagens fazendo o menor uso possível dos elementos verbais, já que a HQ se destina a transmitir as informações via narrativa silenciosa e com exploração visual, em razão de priorizar a estrutura visual-espacial das línguas de sinais. A primeira pesquisa que comprova e descreve a existência da língua terena de sinais foi realizada pela pesquisadora e linguista Priscilla Alyne Sumaio Soares (2014; 2018), no entanto, há relatos e transmissões orais de que sempre existiram surdos terena, portanto, de uma maneira sutil, aparecem personagens se comunicando (sinalizando) por boa parte da narrativa. A narrativa encerra-se com o retorno do plano espiritual para a consciência humana da pajé surda, século XV, no ritual de nascimento com a anciã transmitindo os ensinamentos adquiridos por meio da visão para a comunidade contando o futuro do povo terena e transmitindo a principal característica dessa etnia representado pelo sinal de UNIÃO, em língua terena de sinais.

Para dar a representatividade histórica, a HQ se utilizada predominantemente de elementos visuais para compor a estrutura da linguagem dos quadrinhos indo ao encontro da estrutura linguística das línguas de sinais - visual-espacial. Assim, o processo de identificação dos surdos brasileiros se dá de forma natural.

Para uma melhor descrição das etapas seguimos a metodologia⁹ de Cezar (2019) e organizamos da seguinte maneira:

4.1 Estudo bibliográfico e documental

A História em quadrinhos sinalizada “*Séno Mókere Káxe Koixómuneti*” é considerada plurilingual¹⁰, pois prioriza a divulgação de materiais bilíngues para comunidade surda. A criação está pautada no reconhecimento e na valorização de línguas de sinais minoritárias no âmbito nacional.

Tem como foco a divulgação, a história, a língua e os artefatos culturais do povo indígena terena (FARGETTI; 2012; OLIVEIRA e FERREIRA, 2013; SILVA, 2013; SOUZA, 2016; SUMAIO, 2014; SOARES, 2018; VILHALVA, 2018), uma vez que os resultados de pesquisas científicas revelam que essa comunidade tem usuários sinalizantes produtores de uma língua de sinais, conhecida como Língua Terena de Sinais (LTS).

BIBLIOGRÁFIAS ESPECÍFICAS

BITTENCOURT e LADEIRA (2000)	A História do Povo Terena.
SOARES (2018)	LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha.
VILHALVA (2012)	Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul.
SILVA (2014)	Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário terena-português.
SUMAIO (2014)	Sinalizando com os terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos.

Tabela 2: Levantamento bibliográfico

DOCUMENTAL

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)	
--	--

⁹ Reportagem sobre a metodologia: <https://www.ufpr.br/porta.ufpr/noticias/metodologia-criada-na-ufpr-populariza-historias-em-quadrinhos-na-comunidade-surda/>

¹⁰ Disponível versão em Libras, terena escrito e oral, português escrito e inglês.

Constituição Federal (1988)	<i>Art. 210. § 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (BRASIL, 1988, p. 124).</i>
Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)	
Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2002)	
Lei 10436/2002	<i>Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.</i>
Decreto 5626/2005	<i>Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.</i>
Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2006)	
IBGE (2010) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Apresenta que 45.606.048 de pessoas no Brasil têm algum tipo de deficiência, sendo 7,6%, sendo 1,12% da população brasileira surdas.
INDL (2014) Inventário Nacional de Diversidade Linguística.	A preservação de uma língua, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio de seu Guia de Pesquisa para o INDL (2014), tem impacto imediato na perda de diversidade cultural, uma vez que cada língua possui os meios específicos, historicamente construídos de se conceber, conhecer e agir sobre o mundo, incluindo conhecimentos altamente técnicos.

Tabela 3: Levantamento Documental

A partir desse levanto, o estado da arte baseou-se prioritariamente nos resultados da literatura especializada (FARGETTI; 2012; OLIVEIRA e FERREIRA, 2013; SILVA,

2013; SOUZA, 2016; SUMAIO, 2014; 2018; VILHALVA, 2018)¹¹ sobre surdos terena usuários de uma língua de sinais própria – a Língua Terena de Sinais¹² articulados com os dados documentais sob o aspecto dos direitos dos povos indígenas, das línguas de minoria da aquisição da linguagem para surdos.

4.2 Criação do roteiro bilíngue¹³

Para a criação de uma história em quadrinhos há a importância de se criar um roteiro, conforme Brandão (2017), é através dele que se guia e se desenvolve toda a história. Portanto é o roteiro que irá orientar o ilustrador para que esse possa compreender o que o roteirista quer levar ao público alvo. Para tanto, antes do procedimento tomou-se a história em quadrinhos “O congresso de Milão” (CEZAR, ALMEIDA, 2018), primeira HQ bilíngue voltada para o público surdo, como referência para a criação do roteiro deste trabalho, uma vez que nesta perspectiva os quadrinhos são objetos de estudos da linguística.

Sabe-se das grandes dificuldades que há em criar um roteiro na área de história em quadrinhos, no entanto ao nos reportamos para uma área que conta com pouquíssimos materiais direcionados a cultura surda, esse obstáculo se mostra maior. No levantamento bibliográfico, identificamos que além de ser incipiente trabalhos dessa natureza, os quais encontramos acabaram por apresentar demasiadamente recursos escritos sem grandes referências à cultura surda, como personagens característicos e enredos bem marcados. O qual mais se aproximou, como já imaginávamos foi a HQ “O congresso de Milão”.

De acordo com Cezar (2018), o gênero história em quadrinhos pode se tornar um gênero em grande potencial para o processo bilíngue e para recursos disponíveis para transmissão dos saberes escolares, científicos e sociais para cultura surda, uma vez que a sintaxe dos quadrinhos vai ao encontro da sintaxe das línguas sinalizadas, que tem o recurso visual como fonte das informações primárias. Além do mesmo ser utilizado de forma multidisciplinar.

¹¹ As pesquisadoras Silva, Sumaio e Vilhalva aceitaram participar do projeto fornecendo importantes informações acerca do povo terena e nos direcionam quanto à representação durante a produção da HQ, bem como nos fornecendo informações riquíssimas acerca do tema.

¹² Levantamento no banco de teses, portais de periódicos como CAPES, CNPq entre outras bases nacionais; livros e materiais disponibilizados na internet, como apostilas, livros e dicionários virtuais.

¹³ Texto integral em português Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/71670> resumo do texto em Libras: <https://www.youtube.com/watch?v=0YVlrv4GLTU&feature=youtu.be>

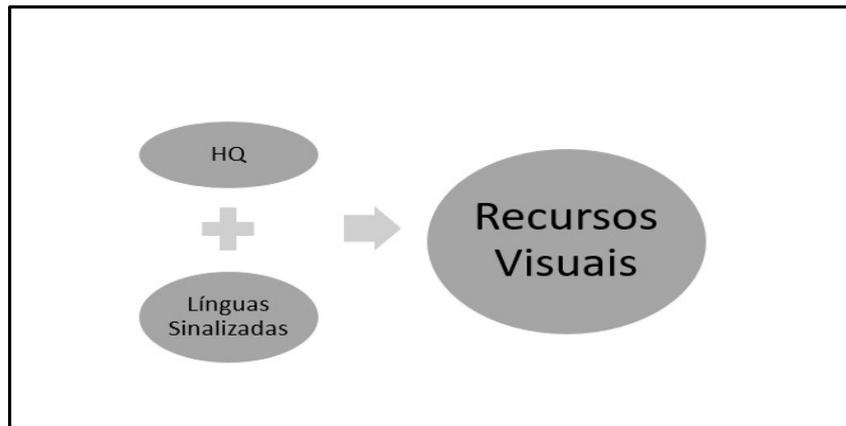


Imagem 1: Relação visual entre HQ/Línguas sinalizadas e os recursos visuais

Os dados deste trabalho levam à conclusão de que quando se pensa em produzir uma HQ bilíngue se faz indispensável proporcionar ao(s) público(s) alvo(s) o entendimento do conteúdo criado, seja por meio de vídeos, textos ou imagens que serão por eles compreendido.

Seguindo as ideias postuladas por Brandão (2017), constatamos que quando se tem um roteirista que contará com outro profissional para realizar a arte, a comunicação deve ser mais eficaz. O roteirista deve fornecer, com riqueza de detalhes, o que está em sua mente para que o desenhista possa compreender e realizar a exteriorização do conteúdo em forma de imagem.

No levantamento bibliográfico identificamos escassez nos estudos e em materiais publicados com foco na produção de roteiros bilíngues voltados para a comunidade surda e esses sujeitos por sua vez acabam ficando submissos a língua majoritária ouvinte, o português. Portanto, a produção de materiais especializados em diferentes segmentos, e em especial na produção de HQs, reconhece o valor social da Libras quebrando barreiras de comunicação e garantindo o real acesso a informações antes disponíveis apenas para ouvintes.

Os resultados da entrevista individual com o roteirista-desenhista da HQ: “O congresso de Milão”, Luiz Gustavo Paulino de Almeida, foram ao encontro das dificuldades encontradas no caminho da criação da HQ sobre a história e cultura do povo terena e nos motivou a descrever e divulgar os cuidados/“orientação” sobre as culturas que têm as línguas visuais sinalizadas como fonte de conteúdo, junto a isso motivar novas pesquisas na área.

As orientações não se tratam de receita e nem de etapas a serem seguidas, mas um direcionamento para elaboração ou até mesmo análise de materiais didáticos que possam se transformar em recursos disponíveis para o ensino aprendizagem bilíngue da comunidade surda.

Em consonância com as respostas obtidas, somadas as nossas experiências atuais, tanto na área de pesquisa quanto pertencente à comunidade surda, elenco brevemente os passos para se criar um roteiro sinalizado com o intuito de se tornar um recurso disponível para futuros roteiristas e ilustradores que envolvam as temáticas ou personagens surdos como ponto de referencial cultural.

Essa parte da investigação teve por objetivo levantar as principais características que um roteiro tem de apresentar uma história em quadrinhos bilíngue para comunidade surda e com as considerações do ilustrador investigado, apresentar as orientações para criação de novas histórias em quadrinhos sinalizadas, sendo que o maior destaque se revelou na importância de se pertencer a comunidade surda e ser sensível a mesma. Em nossos resultados, destacamos os seguintes aspectos:

1- Conhecer o público a que se destina a HQ: Esse é o primeiro ponto, pois se tratando da comunidade surda se faz necessário fazer parte dessa comunidade para ter conhecimento prévio de como o povo surdo adquire conhecimento, os elementos visuais necessários para transmitir as informações e trocar informações com surdos durante o processo de criação a fim de garantir que o objetivo será alcançado.

2- Disponer de referência teórica: Quando se trata da elaboração de uma HQ com conteúdo histórico, como é o caso da história do povo terena, se faz necessário pesquisar em diferentes fontes e autores que tratam do tema e não fazendo parte dessa comunidade específica buscar validar, com os nativos, se as informações estão em conformidade com a realidade por eles vivenciada.

3- Priorizar elementos visuais: Aspectos próprios da cultura surda como as expressões faciais, sinalizações e riqueza de detalhes. No caso de o roteirista não ser o ilustrador essas informações devem ser esmiuçadas no roteiro.

4- Criar sinalários/glossários com os sinais específicos: É uma forma de registrar e disseminar os sinais já existentes bem como criação de sinais, essa criação deve ser feita com cautela e após a não localização desse sinal específico em nenhum banco de dados;

5- Produzir a sinalização da história: Promover acessibilidade real ao público usuário das línguas de sinais como forma de complementar e proporcionar a compreensão total do conteúdo trabalhado;

6- Por fim, ao que parece, ter **paciência** é a chave para a criação e desenvolvimento de uma HQ sendo ela destinada a comunidade surda ou ouvinte. Quanto ao ponto específico de criação pensando no público surdo se faz essencial o uso principalmente de imagens e não textos escritos já que esse público adquire e internaliza conhecimento de forma visual. Portanto os detalhes visuais bem como uso de imagens que remetem às experiências visuais vivenciadas culturalmente por essa comunidade não podem faltar.

Quadro 1: orientações para criação de um roteiro sinalizado¹⁴

¹⁴ Disponível em Libras: <https://www.youtube.com/watch?v=asLde7Zl2eA&feature=youtu.be> (SOUZA, CEZAR, 2020).

A HQ “Séno Mókere Káxe Koixómuneti” conta a história e cultura do povo terena, essas são as considerações que utilizamos para desenvolvê-la. Contamos com um desenhista ouvinte não pertencente a comunidade surda e a partir dessa proposta apresentada os resultados foram satisfatórios. Portanto, torna-se importante destacar que ao iniciar um projeto que envolve culturas, requer mais zelo e cuidados na transposição das ilustrações – no caso da cultura terena sinalizada, observa-se a não necessidade de marcações expressivas, visto que a expressão facial não é considerada um marcador sintático, como na Libras, por exemplo. Ao elaborar o roteiro buscamos estratégias visuais para que a ilustradora pudesse compreender mais claramente o que era esperado como resultado.

5. CRIAÇÃO DAS PERSONAGENS

Essa aparente simples história objetivou a explorar a importância dos saberes indígenas passados de geração em geração pelos anciões. Neste caso, destacamos uma mulher, indígena e surda, com a intenção de valorizar a importância dos saberes de línguas de minorias dentro da própria cultura, uma vez que os dados evidenciaram que há um distanciamento desses indivíduos na cultura investigada. Além disso, a visão dominante refere-se à concepção de deficiência não havendo reconhecimento da surdez como identidade e diferença linguística (SUMAIO, 2014, 2018).

As pesquisas na área da surdez no Brasil são consideradas recentes e nas comunidades indígenas estão em estágio embrionário. Dentre os poucos resultados de pesquisas que temos, ainda há uma parcela vinculada na concepção clínico-terapêutica da surdez que versam sobre a “incapacidade” e ao “defeito” fisiológico, tal concepção não constitui o sujeito surdo usuário de uma língua nativa e de preservação. Contrariamente a essa visão, estão os Estudos Surdos organizados nos pressupostos dos Estudos Culturais com uma Visão socioantropológica da linguagem das línguas sinalizadas, que além de respeitar a cultura visual também respeita a identidade linguística do sujeito surdo. Em conformidade com Vilhalva (2012), a cultura do índio surdo precisa ser compreendida para que, conseqüentemente, venham ser aceitos e respeitados pelas autoridades pela sociedade nas suas diferenças, sejam culturais e linguísticas e mesmo pela própria cultura dependendo da aldeia.

Para criação das personagens primeiramente analisamos e estudamos os artefatos culturais. O sinal da Káxe bem como dos demais personagens podem ser acessados por meio do QRcode abaixo, torna-se importante destacar que os surdos brasileiros, usuários da língua brasileira de sinais, criam sinais para pessoas, por meio da observação de suas características mais marcantes, como forma de identificá-la dentro da comunidade de forma mais prática e visual. No caso da personagem principal Káxe o sinal foi uma homenagem a Dona Ondina mãe de três filhos surdos terena, cujo sinal, dela, é inicializado pela letra O do alfabeto manual na boca, para a Káxe além do sinal da Dona Ondina foi incrementado o sinal de movimento da cabaça (itaaka) utilizada no ritual e mais a luz na mente que simboliza a revelação que ela recebeu. O personagem Rondon por ser histórico já possuía sinal e utilizamos o mesmo, para os demais personagens seguimos a lógica de características mais marcantes.



QRcode: sinais em Libras das personagens

A personagem **Káxe** (A pajé surda) é protagonizada como uma anciã surda que detém os saberes ancestrais e transmite seus ensinamentos a partir da sua língua de sinais (terena de sinais). Anciã Terena seu traje é o Penacho com Pena de Ema cor vermelha. É uma pajé (Koixómuneti) surda, se comunica com espíritos de ancestrais, xamãs e com seu espírito guardião que lhe ensinam remédios naturais para curar doenças que surgem na comunidade, realiza os partos na comunidade e é respeitada por todos. Evoca os espíritos dançando sozinha a noite toda, com um cabaça cheia de sementes (itaaka) na mão DIREITA, e uma vara sagrada (kidpahi- feito de pena de ema) na outra. Durante a dança cantava até que o pássaro Acauã começava a responder.

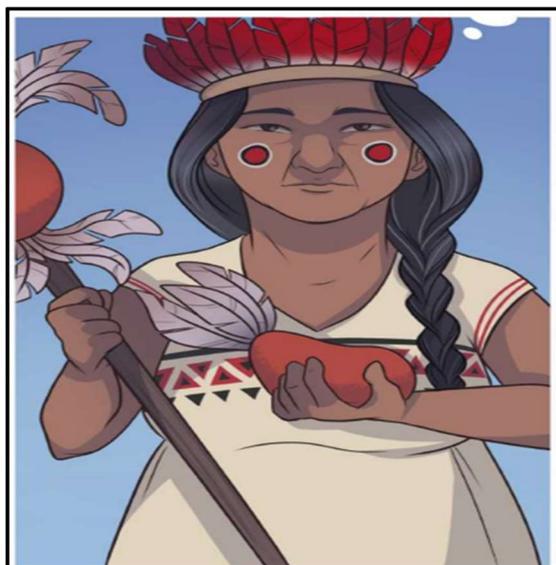


Imagem 2: Pajé surda Káxe

A personagem **Hopuxokenatí**, classificado como personagem principal, representa o Espírito de ancestral Xamã que aparece para Káxe e lhe mostra visões do futuro do povo terena. As penas de Ema são da cor verde. Caracteriza-se por ser ouvinte, comunica-se por pensamento (linguagem não verbal) tem uma idade média de 40 anos e mede 1,55 pesando aproximadamente 70 kg.



Imagem 3: Espírito ancestral Hopuxokenatí

5.1 Personagens secundários

Kaliny é uma mulher jovem terena que aparece no início da história em trabalho de parto. É ouvinte, bilíngue na língua terena oral e na língua terena de sinais idade de 20 anos tendo uma estatura de 1,50 pesando 60 kg.

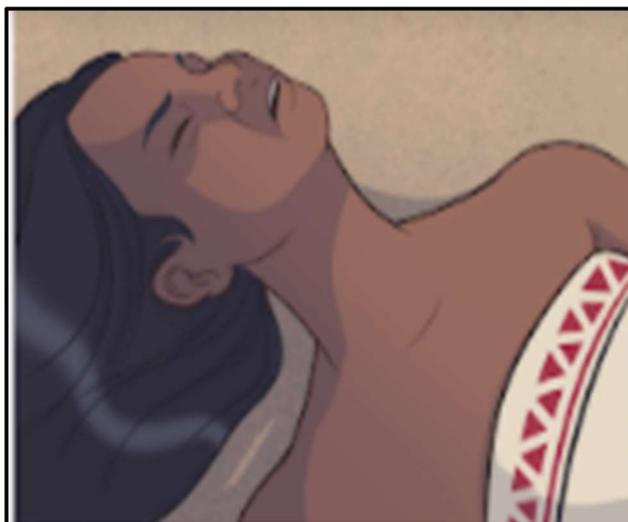


Imagem 4: Personagem Kaliny

O **Ilhakuokovo** é um menino terena ouvinte que nasce no início da história.



Imagem 5: Personagem Ilhakuokovo

O **Menootó** (João Martins - 'Menootó' - aldeia Cachoeirinha) e a **konóu** (coelho) trata-se de um Casal Terena. Ambos com a pena de ema verde. São ouvintes

apresentando respectivamente as idades 25 e 19 anos e Altura: 1,54 e peso 65 kg e altura 1,55 e peso de 58 kg.



Imagem 6: Personagens: Menootó e Konóu

O casal **Terena e Guaicuru** não tem nome específicos, a criação representa, ele terena e ela guaicuru, o período que havia união entre os dois povos. Ele com a pena de ema cor vermelha. Ela com colares coloridos e pele pintada.



Imagem 7: Personagens: Terena e Guaicuru

5.2 Personagem representando os “Branços”

Afonso usa Roupas clássicas da época, ganancioso e em busca de riquezas. Ouvinte falante da Língua oral, o Espanhol. Idade de 30 anos com altura de 1,70 e peso de 85 kg.



Imagem 8: Personagem Afonso

5.3 Personagens históricos

Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) é um personagem histórico encontrado e citado em diversas pesquisas na luta pelos direitos dos povos indígenas. Foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio vitalício às populações indígenas brasileiras. Foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e estimulou a criação do Parque Nacional do Xingu. O estado brasileiro de Rondônia recebeu esse nome em sua homenagem. Caracteriza-se por ser ouvinte, falante do português com idade de 42 anos e do ponto de vista dos arquétipos da comunidade surda, representação positiva como não-indígena, assim como ocorre com ouvintes que lutam pelas causas dos surdos.



Imagem 9: Personagem Rondon

Francisco Solano López (1827-1870) também um personagem histórico foi um militar paraguaio foi nomeado general-de-brigada aos dezoito anos de idade. Comandou por duas vezes (1846 e 1849) as forças de seu país. Ouvinte, falante do espanhol oral com idade de 37 anos.



Imagem 10: Personagem Francisco

5.4 Quebra da barreira linguística¹⁵ (GLOSSÁRIO/SINALÁRIO)

No que diz respeito ao registro, divulgação e transmissão dos saberes em língua de sinais – língua de sinais com primeira língua e escrita da língua oficial como segunda – realizamos o registro dos principais conceitos apresentados na narrativa visual em Libras. Cabe destacar que o Brasil é um país com um vasto território físico e com as línguas desse país não poderia ser diferente. A pluralidade linguística é uma marca usual e sentida dia a dia neste país, nas escolas, no cotidiano, nas redes sociais, entre outros. A política monolíngue do próprio português gera concepções preconceituosas e difíceis de serem quebradas, segundo inúmeros linguistas consagrados como Maria Helena de Moura Neves, Marcos Bagno, Carlos Alberto Faraco, ou seja, uma lista difícil de ser completada.

Na área específica, a pesquisadora e linguista Ronice Quadros apresenta inquietações sobre a necessidade de se “olhar” e respeitar essa diversidade linguística, pois além de essa área lidar com o mito do monolinguismo “universal” (uma única língua para todos os surdos do mundo), há também de se pensar no monolinguismo e no zelo para que a língua brasileira de sinais (reconhecida pela Lei 10436/2002 e Decreto 5626/2005) utilizada nos centros urbanos não substitua as demais línguas de sinais do Brasil.

A fim de contribuir com essa questão, seguimos o protocolo de construção de sinalário/glossário temáticos com fins educacionais das HQ's sinalizadas (CEZAR, 2019) que tem como intuito registrar, divulgar e transmitir os saberes em língua de sinais – língua de sinais como primeira língua e escrita da língua oficial como segunda. O procedimento consiste em registrar os principais conceitos apresentados na narrativa visual em Libras, neste caso, sobre a história do povo terena e a existência da língua terena de sinais.

O procedimento de levantamento de sinais ocorre em meios digitais tendo como norte a abordagem Netnográfica obedecendo as diretrizes específicas postuladas por Kozinets (2014). Esta etapa está diretamente relacionada ao levantamento de registro em sinais de Libras ou em outra língua de sinais indígenas sinalizadas registrados em vídeos disponíveis em sites abertos e de livre acesso – domínio público, bem como em dicionários online e impressos. A coleta de dados, consiste em “copiar diretamente de

¹⁵ Parte desses dados foram publicados na Revista InterLetras disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/artigos.php>

comunicações mediadas por computador dados da página, blog, site da comunidade ou grupo observado [...] dados cuja criação e estimulação o pesquisador não esteja diretamente envolvido” (SILVA, 2015, p. 340), dá-se o nome de dados arquivados para esta forma de captura para coleta e análise dos dados (KOZINETS, 2014; SILVA, 2015). De uma maneira resumida, trata-se de um levantamento de vocabulário necessário para a temática a ser desenvolvida e a partir desse levantamento cria-se sinais provisórios para preencher essa lacuna e se tornar mais um recurso disponível.

Seguindo essa metodologia, organizamos os dados referentes a temática do enredo da HQ (povo terena e língua terena de sinais) em três momentos: 1) seleção dos vocábulos/conceitos sobre o povo terena; 2) levantamento em meios digitais e impressos dos conceitos abordados em língua portuguesa; 3) seleção em meios digitais e impressos sobre os conceitos em Libras e 4) análise, escolha e registro em vídeo dos sinais.

5.5 Quanto ao Glossário

A partir da revisão de literatura (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000; VILHALVA, 2012; SUMAIO, 2014; SOARES, 2018), e da criação do enredo que é um misto de ficção, fatos históricos de registros escritos e registros orais, transmitidos ao longo das gerações na comunidade terena. A história acontece antes do século XV, quando a personagem principal Káxe, a pajé surda, é chamada para o ritual típico de solicitar bênção aos ancestrais ao nascer uma criança. Nesse momento, junto à bênção, a pajé recebe a visão do futuro do povo terena por meio de imagens. Dessa forma, o desenvolvimento da narrativa perpassa os principais momentos históricos: desde o início do povo terena (Aruak) datado de antes do século XV, percorrendo o caminho geográfico que os terenas realizaram até se fixarem, em sua maior parte, na região do Mato Grosso do Sul observamos os principais conceitos necessários dessa temática e selecionamos 38 para compor o glossário.

	Vocábulo/Léxico	Significado
1	Antropologia	Ciência que tem por objeto o estudo e a classificação dos caracteres físicos do homem e dos agrupamentos humanos (origem, evolução, desenvolvimento físico e material), bem como seu comportamento, costumes, crenças sociais etc.

2	Antilhas	Recebe o nome de Antilhas um arquipélago localizado a leste da América Central, cujas fronteiras são o Mar do Caribe, ao sul e oeste, o Golfo do México ao noroeste, e o Oceano Atlântico a norte e leste.
3	Aruák	Povos indígenas falantes de línguas do tronco Tupi começaram a se estabelecer na região do rio Cateté, no Pará, por volta de 250 d.C. (século III, ano 250 da Era Cristã), quando populações falantes do tronco Aruak já habitavam a região. Essa é a conclusão da pesquisa da arqueóloga Lorena Gomes Garcia, do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP.
4	Cidade de Miranda	Miranda é uma cidade do Estado do Mato Grosso do Sul. Os habitantes se chamam mirandenses. O município se estende por 5 478,8 km ² e contava com 25 615 habitantes no último censo. Miranda se situa a 66 km a Norte-Oeste de Aquidauana a maior cidade nos arredores.
5	Comunidade Cachoeirinha	Terras Indígenas “concedidas” pelo governo estadual Mato Grosso do sul no início do século XX.
6	Congresso de Milão	Foi a primeira conferência internacional de educadores de surdos. Mais de 160 educadores e especialistas reuniram-se entre 6 e 11 de setembro de 1880 para discutir os rumos da educação das pessoas surdas. Esse grupo de pessoas era na maioria ouvinte. Era uma época onde acreditava-se na superioridade da língua falada, considerando as línguas gestuais um retrocesso na evolução da linguagem. Durante o congresso foram ouvidos doze especialistas no assunto. Apenas três se manifestaram a favor do uso das línguas gestuais como a melhor forma de educar e inserir as pessoas surdas na sociedade.
7	Cultura Indígena	Abarca a produção material e imaterial de inúmeros e distintos povos em todo o mundo. É importante destacar que não há uma cultura indígena, mas várias, e cada povo desenvolveu suas próprias tradições religiosas, musicais, de festas, artesanatos, dentre outras.
8	Dialeto	Variedade regional ou social de uma língua, considerada um sistema linguístico em si é caracterizada por certas peculiaridades semântico-lexicais, morfosintáticas e fonético-morfológicas. (Em particular, variedade de fala que difere da linguagem literária padrão ou do padrão de fala da cultura em que ela existe.)
9	Dança do bate-Pau (ou Dança do Penacho)	Nome dado pelos não indígenas por usar instrumentos “taquara ou bambu”. Dança executado por homens de várias idades, de crianças a idosos. Toca-se flauta e tambor para dar o ritmo aos passos dos dançarinos. As cores do ritual são vermelha, azul e branca. As vestes de pena de ema e de palha são especialmente preparadas para essa dança, para esse ritual. Os homens carregam longas taquaras nas mãos e com elas desenvolvem uma coreografia, ora batendo as taquaras com as de outros dançarino, ora batendo-as no chão. O final da dança é marcado pela reunião dos dançarinos em círculo e a união das taquaras, sobre as quais é colocado um guerreiro, que é então erguido e ovacionado.
10	Dança da Siputrena	Dança terena realizada apenas por mulheres.
11	Etnia	Coletividade que se diferencia por suas especificidades (cultura, religião, língua, modos de agir etc.), e que possui a mesma origem e história.
12	Etnografia	Parte da antropologia que se dedica ao estudo das múltiplas etnias, de suas implicações antropológicas, sociais.
13	Exiva ou Paraguai	ChacoBosques áridos do Chaco, região de rica biodiversidade resistente ao calor intenso e à escassez de água. Originalmente, compreende mais da metade do território do Paraguai.
14	Família linguística	Família Linguística é um grupo de línguas provenientes de uma mesma descendência, ou de uma mesma linhagem, que derivam de uma língua ancestral comum.
15	Funai	A Fundação Nacional do Índio – FUNAI é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista

		do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.
16	Guarani	Este povo vive em um território que compreende regiões no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.
17	Guianas	Localizada no extremo norte da América do Sul, seu território faz fronteiras com o Brasil (ao sul), Venezuela (a oeste) e Suriname (a leste), além de ser banhado pelo oceano Atlântico (ao norte).
18	HQ Sinalizada	Proposta metodológica para criação de histórias em quadrinhos das línguas de sinais tendo como público alvo as comunidades surdas por meio de vídeos, imagens e escrita. O principal intuito é fortalecer as línguas de sinais com um “produto” em que as culturas surdas venham a ser protagonistas.
19	Intra-tribal	Que se dá ou se verifica dentro de uma mesma tribo ou sociedade tribal.
20	Inter-tribal	Que se dá ou se verifica entre tribos ou entre sociedades tribais.
21	Kaingang	Os Kaingang estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê.
22	Kinikinau	O povo Terena, juntamente com os Laiana e os Kinikinau, faz parte da história de grupos indígenas que vivem em várias regiões e países da América.
23	Línguas emergentes	Geralmente se considera emergente uma língua de sinais que ainda não passou por duas ou três gerações, (mas esse é um tema que necessita ser mais pesquisado e debatido), altamente convencionalizada (possui regras gramaticais estabelecidas).
24	Línguas extintas	São aquelas que não têm mais falantes nativos nem podem ser estudadas devido à ausência de documentos.
25	Línguas Isoladas	Línguas para as quais não sabemos de nenhuma língua irmã. Conhecendo melhor essas línguas não-classificadas, é possível demonstrar se elas possuem ligações com famílias linguísticas.
26	Línguas Minoritárias	Línguas que pertencem a grupos que não são tão prestigiados social, cultural ou politicamente como os grupos de línguas majoritárias (línguas com maior prestígio, como o português no Brasil). Assim, as línguas minoritárias do país possuem status social mais baixo do que o português.
27	Línguas de Sinais	As línguas de sinais são idiomas visuais baseados nos movimentos das mãos e das expressões faciais e corporais. É uma língua como qualquer outra – como o português ou o inglês –, mas não são auditivas e não necessitam da expressão vocal. Uma língua de sinais se desenvolve dentro de comunidades surdas. Assim, é um tipo de idioma natural, com gramática, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica complexas e estruturadas.
28	Multilinguismo	1. coexistência de sistemas linguísticos diferentes (língua, dialeto, etc.) numa comunidade; 2. utilização simultânea de várias línguas por uma pessoa ou por um grupo, com idêntica fluência ou com proeminência de uma delas.
29	Pajé	Nas sociedades tribais ameríndias, indivíduo responsável pela condução do ritualismo a quem se atribui a autoridade de invocar espíritos, o que confere à sua ação encantatória poderes curativos.
30	Rio Negro	O Rio Negro é um dos três maiores rios do mundo, sendo que passam mais águas por seu leito do que em todos os rios da Europa. Seu volume d’água perde somente para o rio Amazonas (o qual ele próprio ajuda a formar, como será explicado mais adiante) e é o rio de águas pretas maior do mundo. Ele é também o maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas, na Amazônia.
31	Rio Solimões	Rio brasileiro localizado no oeste do estado do Amazonas, e que ocupa uma área de 57.922km ² . Fonte de alimento, transporte, comércio, pesquisas científicas e lazer, o Solimões é de vital importância na vida e economia da população do norte do Brasil, e patrimônio nacional.
32	Rio Xingu	O rio Xingu, de 1.979 km (1.230 milhas) de extensão, corre do cerrado, ou savana tropical da região central do estado do Mato Grosso, Brasil, rumo ao norte na Amazônia. A sua bacia cobre uma área de 531.000 km ² . 25.000 índios, de 18 grupos étnicos distintos, vivem ao longo do Xingu.

33	Rio Paraguai	Nasce na Chapada dos Parecis, no estado de Mato Grosso e banha também o estado de Mato Grosso do Sul. Suas duas margens são brasileiras. Faz fronteira do Brasil com a Bolívia só num trecho ao sul da Bolívia.
34	Roteiro	É através dele que se guia e se desenvolve toda a história em quadrinhos. Portanto é o roteiro que irá orientar o ilustrador para que esse possa compreender o que o roteirista quer levar ao público alvo.
35	Tempos Antigos	Saída do Êxiva (no século XVI), conhecido pelos não-indígenas como Chaco Paraguai, transpondo o rio Paraguai e chegando à região do atual estado de Mato Grosso do Sul.
36	Tempos de servidão	Após a Guerra do Paraguai, muitas mudanças aconteceram na região e, para os Terena, ela significou a perda da maior parte do seu território, que passou a ser disputado pelos proprietários de terras brancas, que chegavam cada vez mais para plantar e criar gado.
37	Terena	Os Terena, povo de língua Aruák, vivem atualmente em um território descontínuo, fragmentado em pequenas “ilhas” cercadas por fazendas e espalhadas por sete municípios sul-matogrossenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Também há famílias terena vivendo em Porto Murtinho (na Terra Indígena Kadiweu), Dourados (TI Guarani) e no estado de São Paulo (TI Araribá).
38	Tronco Linguístico	Tronco linguístico é um termo utilizado nas ciências antropológicas. Significa um conjunto de famílias linguísticas. O tronco linguístico é mais abrangente, envolvendo todas as famílias com semelhanças linguísticas que são derivadas de uma língua (ou um conjunto de línguas) ancestral comum.

Tabela 4: Seleção dos vocábulos-conceitos LP (SOUZA; CEZAR, 2019)

Como podemos observar, organizou-se uma planilha com os conceitos encontrados em sites, dicionários e meio digitais abertos. Após essa etapa, realizamos conversas semanais com a equipe multidisciplinar do projeto e as dúvidas relacionadas aos conceitos específicos para comunidade terena para então seguirmos na recolha de sinais em Libras. Torna-se importante destacar que além dos autores deste artigo, a equipe é constituída pela linguista e pesquisadora Priscilla Alyne Sumaio Soares, pela professora e pesquisadora terena Maiza Antonio, pelos pesquisadores e tradutores-intérpretes de Libras Jéssica Honório (UFPR), professora e pesquisadora da educação de indígenas surdos Shirley Villhava (UFMS), professor e pesquisador em história dos surdos e Danilo Silva (UFPR). Todas as ações do grupo de pesquisadores contam com o apoio do Instituto de pesquisa da diversidade intercultural (IPEDI), do Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras (LINBRA-UNESP), Grupo de estudos em formação de professores em línguas (UFPR), instituições às quais os pesquisadores estão vinculados.

A partir da seleção, trinta e oito conceitos, realizou a recolha em Libras em meios digitais (pesquisa etnográfica online) para observar as variedades e ou variantes

linguísticas dos sinais e os registrou “caseiramente” em vídeos e apresentou para equipe, em especial, ao pesquisador Danilo Silva (UFPR). Após os debates e concordância comum, gravou-se as variedades encontradas de sinais da Libras e as criações de sinais provisórios (aos que não encontramos correspondentes). Cabe destacar que toda a equipe está imersa na comunidade surda, os ouvintes atuaram ou atuam como TILS, professores de Libras, professores bilíngues, professores surdos, professores pesquisadores. Assim, foi possível realizar uma avaliação intensa e segura dos sinais apresentados para fins didáticos.

Os resultados da recolha dos sinais em Libras evidenciaram: a) escassez de registro de sinais em Libras na temática investigada; b) inexistência de materiais didáticos que assegurem a língua de sinais como primeira língua para surdos e a língua escrita oficial do país como segunda língua e c) escassez de trabalhos, material, registro em vídeos que articulem a Libras, língua terena de sinais, língua escrita terena, língua oral terena e português.

A partir dessa escassez de registros, definimos a constituição dos trinta e oito conceitos para criação do glossário da HQ. No entanto para disponibilizar dentro da HQ realizamos um novo debate e selecionamos vinte e quatro conceitos-sinais, dada a dificuldade de encontrar os registros em vídeo em Libras e imersão na comunidade para criação de sinais mais específicos, o que devido a pandemia mundial precisou ser adiado. Dessa forma, selecionamos vinte e quatro conceitos-sinal sendo: 1) *Antropologia*, 2) *Antilhas*, 3) *Cidade de Miranda*, 4) *Congresso de Milão*, 5) *Cultura surda*, 6) *Cultura indígena*, 7) *Dialeto*, 8) *Etnia*, 9) *Etnografia*, 10) *Família linguística*, 11) *Funai*, 12) *HQ sinalizada*, 13) *Kinikinau*, 14) *Línguas Emergentes*, 15) *Línguas Extintas*, 16) *Línguas Isoladas*, 17) *Línguas Minoritárias* 18) *Línguas de Sinais*, 19) *Pajé*, 20) *Povo terena*, 21) *Roteiro*, 22) *Tempos Antigos*, 23) *Tempos de servidão*, 24) *Tronco Linguístico*.

Para fins didáticos, o sinalário e o glossário podem ser acessados separadamente, pois o sinalário tem um objetivo de consulta “rápida”, está disponível HQ da seguinte forma:



Imagem 11: Sinalário em Libras na HQ

Após, realizamos a filmagem dos sinais (sinalário), passamos para etapa da gravação registro do sinalário/glossário que consiste em realizar a sinalização em Libras do conceito. Após o presente estudo, o disponibilizamos no youtube, em domínio público, com o objetivo de expandir as línguas de sinais do Brasil, de minimizar a barreira linguística, de poder se tornar um modelo, mesmo que provisório, de materiais disponíveis em Libras sobre a temática da língua terena e da língua terena de sinais, podendo ser acessado através do Qrcode.



Qrcode: Sinalário/Glossário em Libras

Cabe destacar que para realização do registro em vídeos em Libras e as escolhas das ilustrações que compõem a HQ, o glossário/sinalário foram usados como aporte teórico os estudos de Correia (2006); Sofiato e Reily (2014); Sofiato (2016; 2019) que embasam a importância do uso de diferentes formas de imagens aliadas aos recursos digitais na educação de surdos. Tais materiais retratam uma pequena parte das línguas estudadas, no entanto, dada a falta de registros divulgados, mostram-se com um potencial de divulgação e de registro importante para promover o diálogo sobre a pluralidade linguística das línguas de sinais do Brasil.

Durante a produção da HQ nos foi sugerido, pela comunidade, ter, além do português, Libras e o resumo em inglês adicionar também a língua terena escrita¹⁶ tornando assim o trabalho plurilíngue, para a divulgação e trabalho entre Libras e língua terena de sinais, eu juntamente com Priscilla Sumaio Soares, estamos organizando um glossário, a partir de sua tese de doutoramento, para mais um recurso/registro em vídeos possa auxiliar na divulgação e no registro das línguas de minoria (SOARES e SOUZA, no prelo).

¹⁶ Conquistado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no curso de extensão da Língua Terena. <https://www.ufms.br/ufms-oferece-cursos-de-idiommas-em-campo-grande>

5.6 Arte Ilustrada

A HQ sinalizada criada é considerada plurilíngue, pois prioriza a divulgação de materiais bilíngues para comunidade surda. A criação está pautada no reconhecimento e na valorização de línguas de sinais minoritárias no âmbito nacional, tendo como foco a divulgação da história, língua e dos artefatos culturais do povo indígena terena (FARGETTI; 2012; OLIVEIRA e FERREIRA, 2013; SILVA, 2013; SOUZA, 2016; SUMAIO, 2014; 2018; VILHALVA, 2018), já que as pesquisas científicas revelam que essa comunidade tem usuários sinalizantes produtores de uma língua de sinais, conhecida como língua terena de sinais (LTS).

A partir dos resultados desses estudos, a HQ criada se desenvolve com os acontecimentos marcantes da história verídica desse povo terena¹⁷. O enredo tem como personagem principal uma mulher indígena surda anciã, chamada Káxe. Ela exerce a função religiosa de pajé nesta comunidade. Ao ser chamada para auxiliar em um parto - ritual típico (imagens 3 e 4) e após pedir a benção dos ancestrais para o recém-nascido, o futuro do povo terena é revelado e transmitido de forma visual.

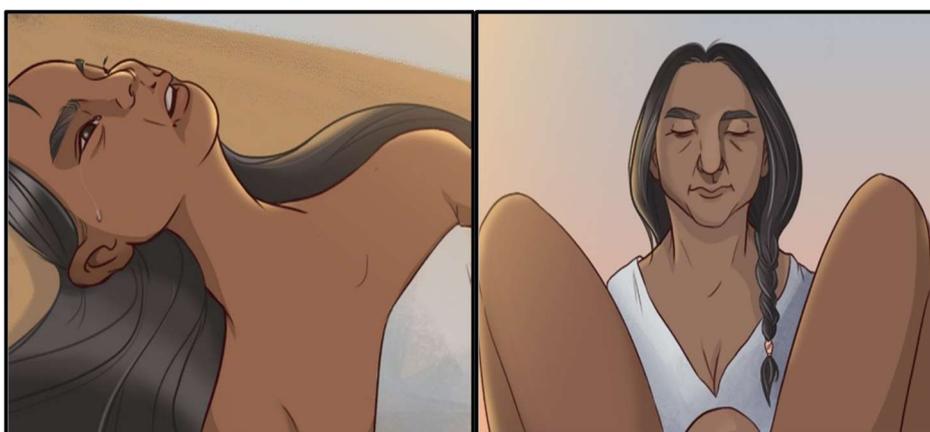


Imagem 12 e 13: realização do parto (ritual)

Para dar a representatividade histórica, a HQ se utilizava predominantemente de elementos visuais para compor a estrutura da linguagem dos quadrinhos indo ao

¹⁷ Reportagem feita pelo Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural sobre a HQ e seus desdobramentos, disponível em:

<https://www.facebook.com/2234630240094562/posts/3270022929888616/?sfnsn=wiwspmo>

encontro da estrutura linguística das línguas de sinais - visual-espacial. Assim, o processo de identificação dos surdos brasileiros se dá de forma natural.

O objetivo geral da narrativa foi apresentar a história do povo terena de forma visual e acessível aos surdos ou ouvintes pertencentes ou não a essa comunidade. Com o desenrolar da pesquisa e os resultados que foram surgindo sobre as demais línguas de sinais existentes no país, o interesse pelo tema se transformou em um incômodo crescente, de tal forma que hoje tornou-se uma necessidade falar sobre elas, em especial, a língua de sinais terena e levar essa informação ao máximo de pessoas possível, visto que com o avanço das tecnologias e da proximidade do espaço urbano, a Libras adentra cada vez mais rápido, seja por meio de intérpretes de Libras - que vão trabalhar nessas comunidades inserindo a língua de sinais majoritária ou ainda a distribuição dos materiais didáticos distribuídos por todo território sobre a Libras, nos espaços onde ainda resistem outras línguas de sinais.

Por meio desse material, acessível a surdos e ouvintes terena ou não, que fala sobre a história desse povo por meio da Káxe, uma mulher, indígena, pajé e surda usuária da língua de sinais terena, propomos por meio da informação de que outras línguas de sinais circulam pelo Brasil levantar novas reflexões acerca da importância da preservação de línguas nacionais para o resgate e manutenção cultural.

Acreditamos que esse trabalho irá despertar a curiosidade de outros pesquisadores para esse campo a fim de identificar e registrar, para a posteridade outras línguas de sinais que resistem e circulam nas comunidades indígenas. Ou sendo ainda mais audaciosos levar ao reconhecimento dessas línguas e de possibilitar que os surdos indígenas tenham de fato o direito a eles garantido de serem ensinados em sua língua materna assim como garante a nossa constituição em seu *Art. 210. § 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem* (BRASIL, 1988, p. 124).

No que tange a estrutura das ilustrações da HQ torna-se importante esclarecer que, com base no levantamento bibliográfico para a criação do roteiro sinalizado, nos deram inspiração as representações culturais terena como:

1) Quanto às cores são utilizadas principalmente o azul, o verde e o vermelho, visto que cada uma dessas cores tem um significado, podendo representar uma família

tradicional ou ainda momentos de guerra ou de paz por exemplo e está presente em eventos típicos:



Imagem 14: Uso das cores

2) Quanto aos trajes são ornados com pena de ema, sendo também um importante elemento cultural visto que são o único povo que se utiliza das penas desse animal;

3) Na HQ também aparece a dança tradicional terena e a religiosidade representada pela Káxe como uma pajé.

4) Pinturas corporais – A pintura corporal também contém significados a depender da forma e da cor, por exemplo a pintura circular, conforme imagem ao meio abaixo, é uma pintura especificamente feminina. Elas também podem representar uma família específica onde a pintura é passada de geração em geração, entre outros significados.



Imagem 15: Pinturas corporais

5) Espiritualidade (marcas das ilustrações) – Conforme Bittencourt e Ladeira (2000) em seu livro “A história do Povo Terena”, o pajé contava e dançava a noite toda evocando

os espíritos. Na ilustração vemos Káxe realizando esse ritual e o pássaro Aracuã vindo ao seu encontro e se transformando no espírito Hopuxokenatí que passa a lhe mostrar o futuro do povo por meio de imagens.



Imagem 16: Marcas da religiosidade

6) Danças – A dança representada na HQ foi a do Bate-pau¹⁸ (Dança da Ema) e está vinculada a guerra do Paraguai, pois legitima o grande guerreiro. Há uma divergência entre ela ter surgido após a guerra ou ser uma manifestação anterior a ela.

¹⁸ Dança da Ema na abertura da Assembleia do Povo Terena. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/apiboficial/videos/1964489470487879/>



Imagem 17: Dança tradicional

No que tange a existência da língua de sinais na comunidade, durante a narrativa, de uma forma sutil reproduzimos os conhecimentos dos anciãos que relatam a existência/coexistência da língua de sinais nesta comunidade. Para melhor evidenciar, ao longo da narrativa observamos personagem de forma discreta sinalizando e do povo sinalizando de forma natural. Escolhemos a discrição de forma proposital para mostrar a invisibilidade dessa língua ao longo da história.



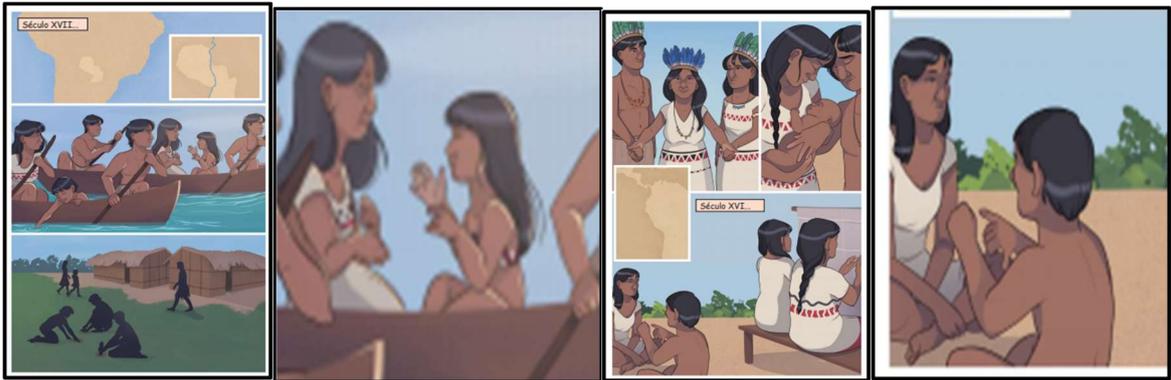


Imagem 18: Destaque de algumas sinalizações que podem passar despercebidas

6. ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE O CONTEÚDO

A partir do objetivo proposto na presente investigação de se realizar um levantamento bibliográfico e documental sobre línguas de sinais indígenas no Brasil a fim de se tornar um meio de divulgação possível, realizamos uma comparação sobre a língua brasileira de sinais por ser amplamente reconhecida no país, a partir da Lei 10.436 e do Decreto 5.626 que institucionaliza essa língua como primeira língua e a escrita do português como segunda língua. Essa conquista é de suma importância, em especial, que possa servir de motivação e exemplo para outras línguas minoritárias – esquecidas, desmerecidas no próprio Brasil.

Em conformidade com os dados apresentados, podemos perceber que a Libras, assim como o português, nas três línguas indígenas sinalizadas, muitas vezes toma frente como língua majoritária, deixando a língua sinalizada nativa de lado por diferentes razões. No entanto, a mais presente nestas aldeias é um indicativo de que a Libras possa acabar por funcionar como uma língua majoritária, de maior prestígio não promovendo à valorização das línguas sinalizadas nativas.

Nossas inquietações estão fundamentadas nas aldeias indígenas que tem uma aproximação maior com ambiente urbano, que apresentam maior influência linguística com a Libras e com profissionais que não tem conhecimento para uma intervenção linguística e política suficiente para tratar as línguas como patrimônio cultural e que podem ser concomitantes com o mesmo prestígio evitando o preconceito linguístico. Ao evidenciar as lutas da comunidade surda que faz uso da Libras, pode ser um meio possível de também se obter o reconhecimento das outras línguas sinalizadas no Brasil. Tais preocupações são somadas há constantes invasões dos territórios demarcados e a falta de condições de se manterem nas aldeias devido ao pouco espaço para cultivo a auto sustentação da comunidade, cada vez mais há contato dos surdos indígenas com a Libras, como consequência as línguas de sinais minoritárias acabam por ser menosprezadas e se diluir, já que até o presente momento há pouquíssimos trabalhos que buscam uma forma de registrar esses sinais. Torna-se importante destacar, que a inserção e o contato com a Libras é benéfico e enriquecedor, no entanto não pode funcionar como uma língua majoritária, mas exemplo de conquistas, lutas e que também

é possível para as demais línguas indígenas sinalizadas, a fim de não promover o mito de hegemonia linguística.

7. REFLEXÕES FINAIS

Apreendi muito desde o início dessa jornada, até então conhecia apenas uma das histórias do Brasil, aquela contada nos livros de história e que passa brevemente pelos “INDIOS”, não fosse essa pesquisa talvez jamais iria saber da existência da história de vários povos diferentes cada qual com sua cultura, identidade, religiosidade e língua. Estudar um pouco sobre a história do povo terena e ter contato com eles me fez ver o quanto temos a aprender.

Tentamos representa-los da melhor forma e com maior respeito possível na HQ e penso nas infinitas possibilidades de histórias que podem ser contadas por eles. O que mostramos no trabalho foi uma parte ínfima sobre quem são os terena em breve ter mais histórias contados tanto por ouvintes na língua oral como por surdos na língua de sinais terena.

E desejamos que esse material seja um modelo para que outros povos também venham a ser mais conhecidos e reconhecidos.

Os dados deste trabalho levam à conclusão de que quando se pensa em produzir uma HQ sinalizada, faz-se indispensável proporcionar ao(s) público(s) alvo(s) o entendimento do conteúdo criado, seja por meio de vídeos, textos ou imagens que serão por eles compreendido, aproximação com a cultura, com a língua e com o público alvo.

Seguindo as ideias postuladas por Brandão (2017), constatamos que quando se tem um roteirista que contará com outro profissional para realizar a arte, a comunicação deve ser mais eficaz. O roteirista deve fornecer, com riqueza de detalhes, o que está em sua mente para que o desenhista possa compreender e realizar a exteriorização do conteúdo em forma de imagem, dessa forma, a ilustradora Julia Alessandra Ponnick adentrou tanto a cultura sinalizada Libras, quanto a terena/terena sinalizada.

No levantamento bibliográfico identificamos escassez nos estudos e em materiais publicados com foco na produção de roteiros bilíngues voltados para a comunidade surda e esses sujeitos por sua vez acabam ficando submissos a língua majoritária ouvinte. Portanto, a produção de materiais especializados em diferentes segmentos, e,

em especial, na produção de HQ's¹⁹, reconhece o valor social das línguas sinalizadas quebrando barreiras de comunicação e garantindo o real acesso a informações antes disponíveis apenas para ouvintes.

Dessa forma, a proposta de investigação visa contribuir com o registro dessa variedade linguística e cultural enquanto preservação de patrimônio histórico-cultural dos surdos do Brasil reforçando a importância de as línguas nativas e originais serem pesquisadas e reconhecidas como legítimas, uma vez que cumprem a necessidade linguística de um grupo de pessoas (LEITE, QUADROS, 2014). Junto a isso, a proposta de elaboração de materiais multilíngues é capaz de auxiliar na aprendizagem dos aprendizes surdos – formação de professores -, bem como aprofundar os estudos linguísticos como prática social em contexto de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011; MOITA LOPES, 2013), no caso, dentro e fora da cultura estudada aliado à era tecnológica em evidência na atualidade.

Devolutiva da pesquisa para sociedade, em parceria com o IPEDI, o projeto HQs elaborando um curso de extensão para trabalhar em conjunto com a comunidade terena, professores, intérpretes, pedagogos, entre outros para criação de outras histórias em quadrinhos e materiais com recursos visuais para a comunidade a partir de suas reais necessidades. Esperamos com essa HQ realizar a divulgação dessa comunidade divulgando sua história e a existência de uma língua de sinais viva e que precisa ser preservada, documentada e estudada sem que a Libras venha ser a única forma ou a forma de comunicação mais segura para os surdos terena.

Há muito o que se fazer ainda, muitas lutas ainda por serem travadas para garantir o acesso ao direito linguístico a eles reservado. Mesmo a HQ ainda não publicada gerou o interesse de muitas pessoas e entidades o que nos faz pensar que estamos no caminho certo e nos auxilia na continuidade de outras ações em conjunto com a HQ.

Mesmo encerrado de certa forma minha formação no curso de letras Libras da UFPR, pretendo continuar a pesquisar e contribuir para que essa e outras línguas de sinais em circulação em nosso país e suas histórias não se percam no tempo, sendo de caráter urgente realizar cursos de formação de professores e para intérpretes de Libras

¹⁹ Artigo produzido: Proposta de criação de roteiro de Hq sinalizada para a cultura surda. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/71670>

para saber como lidarem com as línguas nativas, de minoria e como usá-las em concomitância com a Libras.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Gustavo Paulino de; CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo. **O congresso de Milão**. Araraquara: Letraria, 2018.

BARONAS; Joyce Elaine de Almeida. **Variação linguística na escola: resultados de um projeto**. Revista da ABRALIN, v.13, n.1, p. 39-62, jan./jun. 2014.

BITTENCOURT; Circe Maria. LADEIRA; Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000. 156p.

BLOMMAERT, Jan. RAMPTON, Ben. **Language and superdiversity**. A position paper. Working papers in urban language and literacies, paper 70. London: Tilburg University and King's College, 2011.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, p. 124.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dez. 2005. Seção 1, p. 30.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/legislacao/libras/lei%2010.436.htm>. Acesso em: 10 mar. 2007.

BRANDÃO, Daniel. **A linguagem dos quadrinhos**. Universidade Aberta do Noroeste. Curso Quadrinhos em sala de aula: estratégias, instrumentos e aplicações. Raymundo Neto. Org Vergueiro. W. ISBN. 978857529856-5, 2017.

CARVALHO, DJota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papyrus, 2009.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. *In*: MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 211-227.

CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo. **Hq's sinalizadas**. Projeto de investigação institucional, 2019-2020.

COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB. Disponível em: <https://coiab.org.br/>, acesso em setembro de 2020.

COSTA, Miriã Gil de Lima. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar**. Dissertação de mestrado acadêmico em letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2017, p. 190 folhas.

CUNHA; Rodrigo Bastos. *Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil*. Educar, Curitiba, n. 32, p. 143-159, 2008. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a11.pdf> Acesso em: 22/09/2018.

DELMONDEZ, Polianne; PAULINO, Lucia Helena Cavasin Zabotto. **Sobre identidade e diferença no contexto da educação escolar indígena**. *Psicologia & Sociedade*; 26(3), 632-64. 2014. Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.

ELLER, Rosiane Ribas de Souza. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. Dissertação de mestrado acadêmico em letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2017, p. 130 folhas.

FARGETTI, Cristina Martins (org.). **Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú. 2012, p. 399. ISBN 9788599944363.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FONTE: Folha de São Paulo. **Vozes em extinção**. 21 dez 2016, 10h23 - Publicado em 25 set 2007, 19h38. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/planeta/vozes-em-extincao/> Acesso em: 22/09/2018.

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2020.

GUIA DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO PARA O INDL. **Patrimônio Cultural de Diversidade linguística**. Brasília, DF. IPHAN. 2014. Volume 1.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico, 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Pesquisa coleta dados para o Inventário Nacional de Libras**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/pesquisa-coleta-dados-para-o-inventario-nacional-de-libras>. Acesso em: 02/09/2019.

KAKUMASU, James Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: **Summer Institute of Linguistics**, 2005. Disponível em: <https://www.sil.org/resources/archives/76974>. Acesso em: 11 set. 2020.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Muller de. **Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação**. Florianópolis: Insular, 2014.

MAHER, Terezinha Machado. **A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória**. In L. D. Grupioni (Org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias* (pp. 11- 38). Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional. 2006.

NEVES; Sílvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Universidade Aberta do Brasil. 2012. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade de Brasília. Instituto de Artes, Brasília, 2012.

OLIVEIRA; Caroline Pereira de. FERREIRA; Rogério Vicente. **Dicionário infantil bilíngue Terena – observações e apontamentos**. Entrepalavras, Fortaleza - ano 3, v.3, n. esp., p. 89-101, jan/jul 2013.

PEREIRA, Éverton Luís. **Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí**. 380 f. 2013. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir. Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. PIZZIO, Aline Lemos. REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2009. Disponível em:
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf Acesso em: 03/04/2019.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. 2. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Denise. **Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário terena-português**. 2013. 292 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2013.

SOUZA; Aronaldo Júlio e Claudete Cameschi de. **Língua Terena: contribuições para sua documentação**. Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. Departamento de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf> Acesso em: 22/09/2018

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura surda**. 2. Ed. Red. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2009.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos**. 2014. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, 2014.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua

Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara – São Paulo, 2018.

VERTOVEC, Steven. **Super-diversity and its implications. Ethnic and racial studies**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054. 2007. Disponível em: <http://www.informaworld.com/smpp/title~content=t713685087>. Acesso em: 20 jan. 2020.

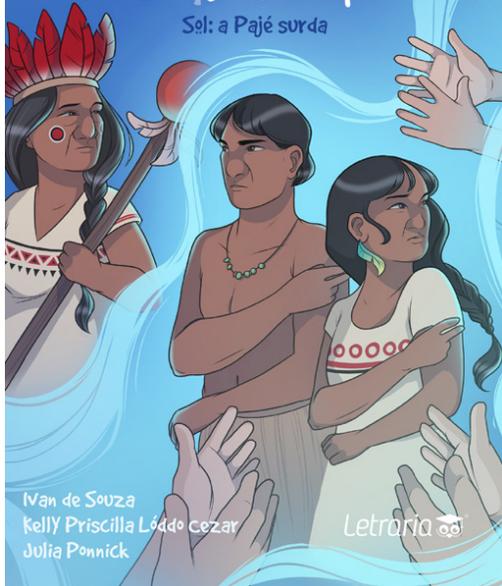
VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. 2012. 124 f. Thesis (MSc in Linguistics) - Programa de Pós-Graduação em Linguística - Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

VILHALVA, Shirley. **Índios Surdos Guarani e Terena em Mato Grosso do Sul: Dez Anos Projeto Índio Surdo e seus Desafios Familiares**, Educacionais e Linguísticos. INES | Revista Espaço | Rio de Janeiro | nº 50 | jul-dez | 2018, ISSN: 0103-7668; E-ISSN: 2525-6203 ; DOI: 10.20395/re.v0i50.451. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/451/488>
Acesso em: 29/08/2019.

9. ANEXO

Séno Mókere Káxe Koixómuneti

Sol: a Pajé surda



Ivan de Souza
Kelly Priscilla Lóddo Cezar
Julia Ponnick

Letraria

Ivan de Souza
Kelly Priscilla Lóddo Cezar
Julia Ponnick

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI

SOL: A PAJÉ SURDA

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI

SOL: A PAJÉ SURDA

Letraria
Araraquara
2021

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI

SOL: A PAJÉ SURDA

Ivan de Souza
Kelly Priscilla Lóddo Cezar
Julia Ponnick



Apoio:



FICHA CATALOGRÁFICA

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI / SOL: A PAJÉ SURDA

AUTORIA: Ivan de Souza, Kelly Priscilla Lóddo Cezar e Julia Ponnick

ILUSTRAÇÕES: Julia Ponnick

PROJETO EDITORIAL: Stanley Teixeira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Stanley Teixeira, Kelly Priscilla Lóddo Cezar e Letraria

REVISÃO: Priscilla Alyne Sumaio Soares, Denise Silva e Letraria

TRADUÇÃO PORTUGUÊS-LIBRAS: Jéssica Gonçalves Honório e Ivan de Souza

TRADUÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS: Jéssica Gonçalves Honório

TRADUÇÃO PORTUGUÊS-TERENA: Maiza Antonio

TRADUÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS: Marília Costa Pessanha Lara

REVISÃO EM LIBRAS: Danilo da Silva Knapik

LEGENDAGEM: Jéssica Gonçalves Honório

EDIÇÃO DE VÍDEOS: Ivan de Souza e Jéssica Gonçalves Honório

SUPERVISÃO GERAL: Kelly Priscilla Lóddo Cezar

SOUZA, Ivan de; CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo; PONNICK, Julia.

Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda. Araraquara: Letraria, 2021.

ISBN: 978-65-86562-38-5.

1. Língua terena de sinais; 2. libras; 3. História em quadrinhos;

4. Invisibilidade linguística e social.

Aos povos indígenas por manterem suas tradições vivas, apesar dos inúmeros ataques que sofreram e que sofrem.

Aos terena que lutaram e lutam bravamente para dar continuidade a sua rica cultura.

Aos terena da Terra Indígena Cachoeirinha que permitiram fazer pesquisa sobre a língua terena de sinais.

À dona Ondina, mãe de três filhos surdos usuários da língua terena de sinais.

Aos terena mortos pelo novo coronavírus e por todas as doenças trazidas pelos não indígenas.

À Shirley Vilhalva por ser uma referência surda e descendente de indígenas que, por meio de suas pesquisas, divulgou um tema tão importante e tão pouco abordado: "as demais línguas de sinais em circulação pelo país".

A todos os surdos que lutam para ter seus direitos linguísticos assegurados diariamente.

Dedicatória

SÉNO MÓKERE KÁXE KOIXÓMUNETI

SOL: A PAJÉ SURDA

SUN: THE DEAF SHAMAN

Acesso em Libras



Yane apetinemo exetina "Séno Mókere Káxe Koixómuneti" enomone itúkovo kóixomuneti ya ipuxovokuke. ehaxikoyotinemmo huvú'oxo-ti koxé'exati kopuhikea inamati kalivóno koxoku séno mekúke epeminoatinemo unátye tumúne né inamati kalivono. Emó'u mokéne evékoa né yúho enomone exekono yaemó'u né mókere enomone ikoyhoxad.

Esta HQ tem como personagem principal "Káxe", uma mulher indígena surda anciã que exerce a função religiosa de pajé. Ao ser chamada para auxiliar no ritual típico de um parto, ela pede a bênção dos ancestrais para o recém-nascido, quando então o futuro do povo terena é revelado e transmitido em sinais.

This graphic novel has as main character "Káxe", a deaf elderly indigenous woman that carries the religious function of shaman. When asked to assist in a childbirth typical ritual, she asking for the blessing of the ancestors for the newborn, when the future of the Terena people is revealed and transmitted in signs.

VISIBILIDADE AOS INVISÍVEIS: O DIREITO À LÍNGUA MATERNA

Esta HQ mostra um pouco da rica cultura desse povo, as situações, consequências e resistência após o contato com o povo branco, que até hoje os tornou INVISÍVEIS na estrutura dominante. Em muitos casos, não conseguem ocupar espaços sociais, de estudo e de trabalho vivendo em total INVISIBILIDADE a ponto de os trabalhos considerados subalternos para população dominante serem a única forma de inserção. Acreditamos que os conhecimentos indígenas possam coexistir na academia como legítimos e essenciais. Por este motivo, espero que este trabalho possa despertar a SENSIBILIDADE para com os povos e que sua curiosidade possa se aprofundar sobre as demais línguas de sinais presentes em nosso país. O ano de 2020, ano pandêmico, foi um ano marcante e massacrante para os indígenas (suas línguas, suas culturas e suas lutas), que tiveram de ser mais uma vez resistentes para não desaparecer!

Acredito que este trabalho irá despertar a curiosidade de outros pesquisadores e outros campos de conhecimento que possam auxiliar no registro dessa e de outras línguas indígenas de sinais brasileira.

Bom despertar!

Ivan de Souza
Autor e idealizador da HQ

Acesso em Libras



A HISTÓRIA

Essa narrativa é um misto de ficção com fatos históricos de registros escritos e registros orais, transmitidos ao longo das gerações na comunidade terena. A história acontece antes do século XV, quando a personagem principal Káxe, a pajé surda, é chamada para auxiliar em um parto. Após este ritual típico, ela pede a bênção aos ancestrais. Neste momento, junto à bênção, a pajé recebe uma visão sobre o futuro do povo terena. Dessa forma, o desenvolvimento da narrativa perpassa os principais momentos históricos, que vão desde o início do povo terena (Aruak), datado de antes do século XV, percorrendo o caminho geográfico que os terena realizaram até se fixarem, em sua maior parte, na região do Mato Grosso do Sul.

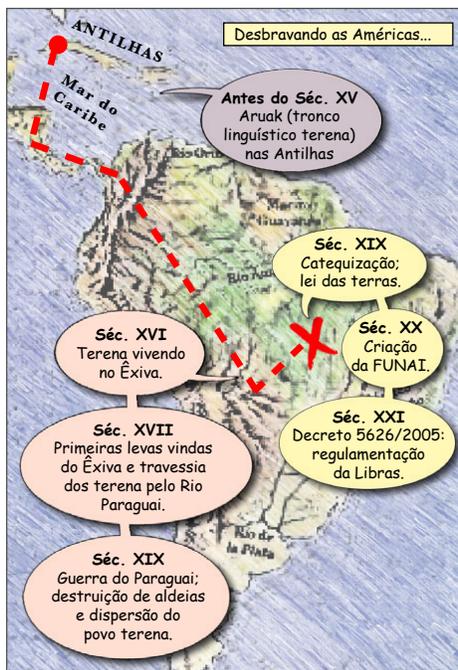
Boa leitura sinalizada!

Kelly Cezar

Acesso em Libras



Desbravando as Américas...



CONHEÇA NOSSAS PERSONAGENS

Acesso em Libras



KAXÉ

Surda fluente
Língua: Língua Terena de Sinais
Sinal: Sinalizado no vídeo
Idade: 50
Altura e peso: 1,55 e 72kg
Protagonista



Anciã terena. Seu traje é o penacho com pena de ema na cor vermelha. É uma pajé (Koixómuneti) surda, comunica-se com espíritos de ancestrais, xamãs e com seu espírito guardião, que lhe ensinam remédios naturais para curar doenças que surgem na comunidade, realiza os partos e é respeitada por todos. Evoca os espíritos dançando sozinha a noite toda, com uma cabaça cheia de sementes (itaaka) na mão direita e uma vara sagrada (kidpahi) feita de pena de ema na outra. Durante a dança, cantava até que o pássaro Acau começasse a responder.

HOPUXOKENATI

Ouvinte
Língua: Comunicação por pensamento
Idade: 40
Altura e peso: 1,55 e 70 kg

Espírito de ancestral Xamã que aparece para Káxe e lhe mostra visões do futuro do povo terena. As penas de Ema são da cor verde.



TERENA E GUAICURU

Ouvintes
Língua: Terena e Guaicuru
Idade: 23 e 18
Alturas e pesos: 1,54 e 63 kg e 1,53 e 52 kg

Casal sendo ele terena e ela guaicuru; se casam representando o período em que havia união entre os dois povos. Ele com a pena de ema cor vermelha. Ela com colares coloridos e pele pintada.



CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

Ouvinte
Língua: Português
Idade: 42

Foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio vitalício às populações indígenas brasileiras. Foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e estimulou a criação do Parque Nacional do Xingu. O estado brasileiro de Rondônia recebeu esse nome em sua homenagem.



MENOOTÓ (JOÃO MARTINS - 'MENOOTÓ' - ALDEIA CACHOEIRINHA) E KONÓU (COELHO)

Ouvintes
Língua: Terena
Idade: 25 e 19
Alturas e pesos: 1,54 e 65 kg e 1,55 e 58 kg

Casal Terena. Ambos com a pena de ema verde.



AFONSO

Ouvinte
Língua: Espanhol
Idade: 30
Altura e peso: 1,70 e 85 kg

Roupas clássicas da época, ganancioso e em busca de riquezas.



FRANCISCO SOLANO LÓPEZ

Ouvinte
Língua: Espanhol
Idade: 37

Militar paraguaio foi nomeado general-de-brigada aos dezoito anos de idade. Comandou por duas vezes (1846 e 1849) as forças de seu país.



ILHAKUOKOVO

Ouvinte
Idade: 0

Menino Terena que nasce no início da história.

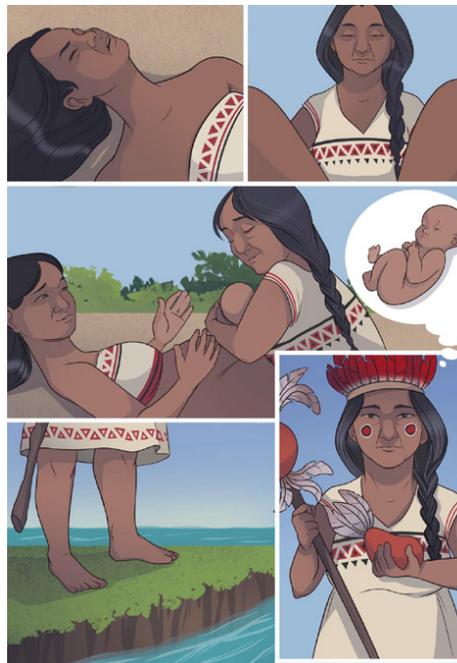
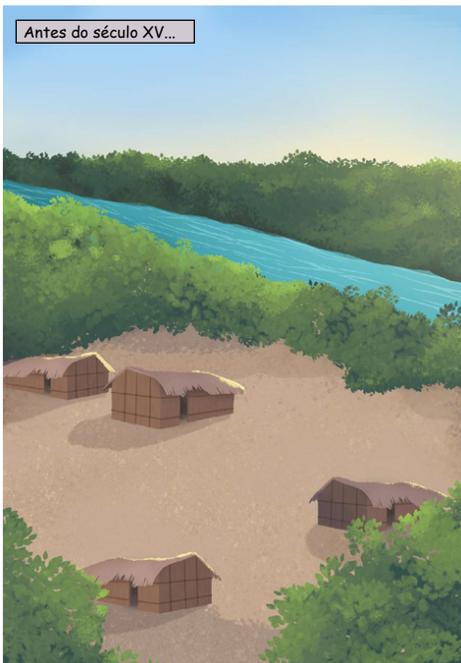


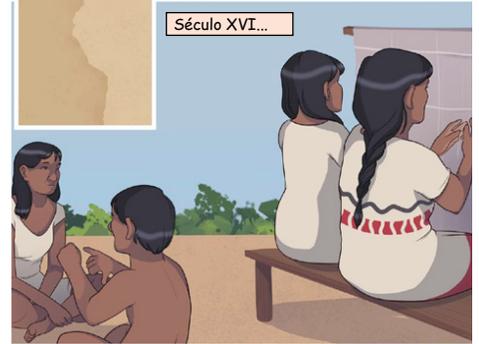
KALINY

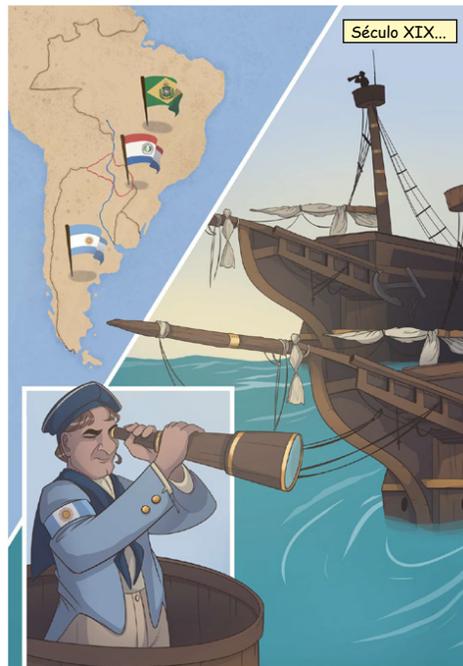
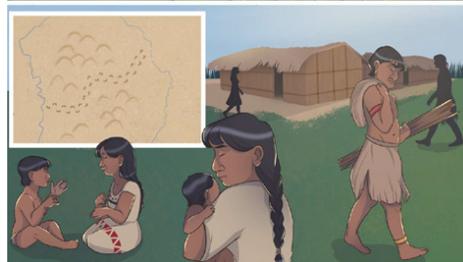
Ouvinte
Língua: Terena oral e língua de sinais terena
Idade: 40
Altura e peso: 1,55 e 70 kg

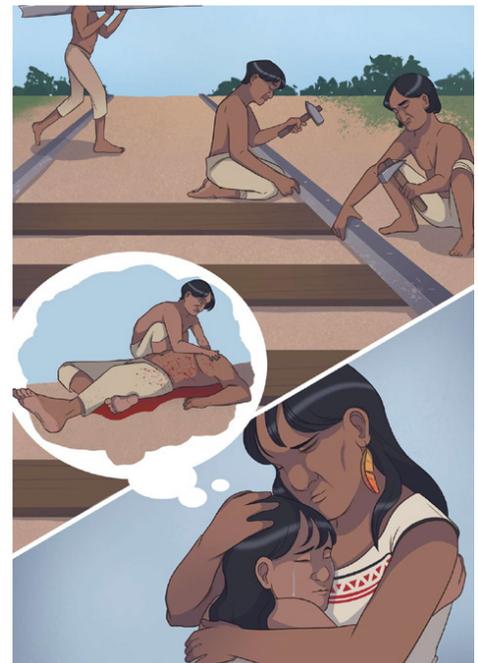
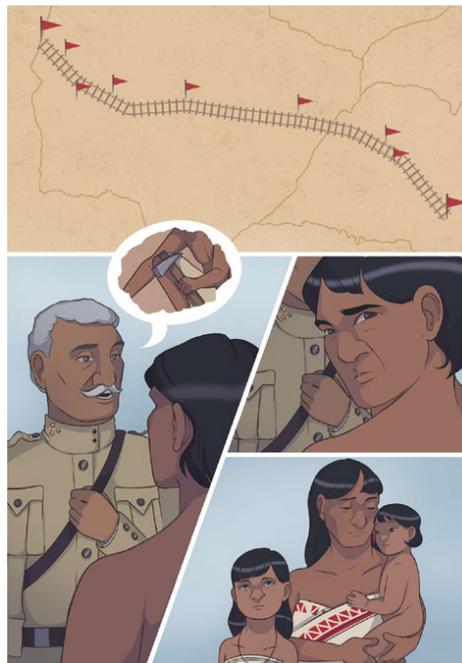
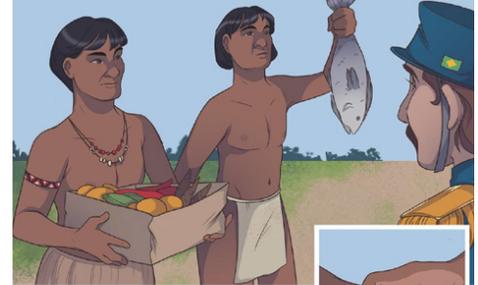
Jovem terena que aparece no início da história em trabalho de parto.

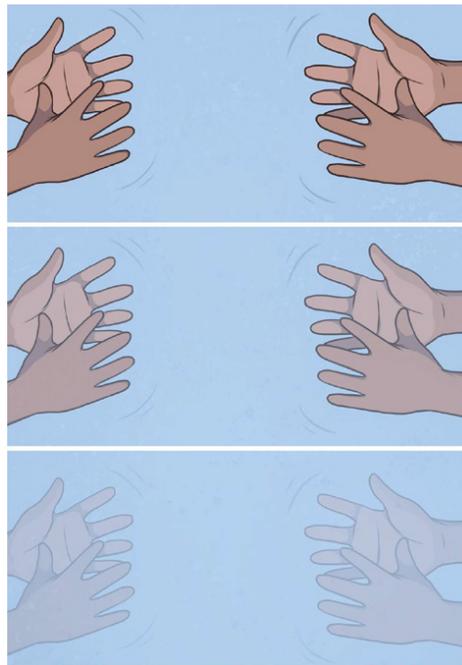
Antes do século XV...











A ilustradora...

Oi, eu sou a Julia. Tive o grande prazer de participar da criação dessa HQ como ilustradora. Eu nunca havia feito parte de nada parecido, nunca tinha ilustrado e nem participado do processo de criação de uma história em quadrinhos. Então, quando eu aceitei participar, já sabia que teria muito trabalho pela frente, mas também que eu iria aprender muito com esse processo.

Essa HQ me serviu como um aprendizado gigantesco, algo que nem consigo colocar em palavras. Por mais difícil que tenha sido, fico muito feliz em fazer parte desse projeto e espero realmente que a comunidade terena se sinta representada porque esse é meu maior desejo como ilustradora dessa HQ.

Julia Ponnick
Ilustradora

Acesso em Libras



Agradecimentos...

Às profas. Shirley, Priscilla e Denise, que não mediram esforços para auxiliar no projeto da HQ.

A Deus, por permitir aos espíritos ancestrais que nos inspirassem a escrever!

Ao grupo de pesquisa GRUPE

À minha comunidade surda! À comunidade surda terena!

Aos integrantes e apoiadores do projeto HQ's sinalizadas.

Ao prof. Danilo, pelas excelentes contribuições e revisões em libras

À ilustradora Julia Ponnick por aceitar o desafio de trabalhar conosco!

À minha professora orientadora Kelly, que me manteve focado e na trilha certa para a conclusão satisfatória deste projeto. Grato pela sua dedicação e orientação preciosas durante todo esse período, sempre compreensiva e paciente.

Ao prof. Paulo Vaz de Carvalho, por estar presente mesmo tão longe fisicamente!

Aos amigos e à turma de 2017, que aguardam ansiosos a publicação da HQ.

Aos alunos do curso de licenciatura em letras libras da UFPR que acompanham sempre os trabalhos!

Ao Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social (PIBIS), Pesquisa e Extensão Universitária - UFPR/ Fundação Araucária 2018/2019/2020 pela bolsa nesses 24 meses.

Ao Roberto Funqim de Camargo Jr. pela paciência e apoio em casa nos momentos de ausência!

Ao Grupo de pesquisa em Formação de professores em Línguas (UFPR) pelos debates preciosos para fundamentação do trabalho em LA.

A Stanley Teixeira, Larissa Grimaldi Rangel, Marília Pessanha e Marcos Homeo Ferreira Lima por estarem sempre à disposição!

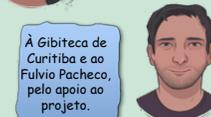


Ao Wagner Samuel Gonçalves - Graduando em Geografia Bacharelado pela UFMS - Campus Aquidauana CPAQ II, turma 2018. Terena reside na Aldeia Agua Branca Terra Indígena Taunay-Ipegue. Aquidauana, MS.



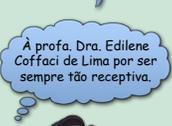
À Maiza Antonio, pela tradução para o terena.

À Kaliny Pontes Mamede - Terena reside na Aldeia Jaguapiru. Dourados, MS.



À Gibiteca de Curitiba e ao Fulvio Pacheco, pelo apoio ao projeto.

Ao Erich Teles Bezerra - Graduando em Letras Libras Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Reside em Manaus-AM



À profa. Dra. Edilene Coffaci de Lima por ser sempre tão receptiva.

À Lidiane Coelho - Graduanda do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná turma de 2017.



À Jéssica Honório por estar sempre presente e pelo profissionalismo na legendagem, tradução e interpretação.

À dona Ondina, mãe de três filhos surdos terena que nunca desistiu de se comunicar e acreditar na língua terena de sinais. Chamada por nós de Mãe Terena! Nossa mãe Terena!

À professora Cristina Martins Fargetti que sempre se dedicou à área e com muito carinho e disposição auxilia com todo conhecimento e amor nas áreas investigadas.



Ao Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras (LINBRA) da UNESP.

Ao Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI) pela parceria.

Abraços sinalizados a todos!

Ivan de Souza, Kelly Cezar e Julia A. Ponnick

Palavrinha final...



Libras



Libras

Kaliny Pontes

Maiza Antônio

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO
"Lei Aldir Blanc"

Publique seu e-book com a gente!



Toda a venda será revertida para o IPEDI



Hanañti konokeovo ra exetinahiko akõneoxo ya emó'u mokerihiko ako vaxa vihikaxea ihikaxovotutike enepora akotihiko okoyúho, muhikava ya koati emó'u muhikovatika ya terenoe.
Ako vaxa vihikaxea kónokoa heó koixeya yuhoixea úti yuhoikoati ra motoine pahóti itea koyeane akoyea vaxa exea né vihikaxoake.
Enepora yutoitihiko hanañti huvó'oxoti xapakukenoe ra emó'u mokerihiko kuxoa útil apexeya painuhiko ra koyúhopeti hoixo koati ra viyenoxapa xokoyoke na ihikaxovatihiko.

Maiza Antonio

